

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**Os avistamentos de baleias jubartes no Espírito Santo, Brasil:  
relações materiais-e-simbólicas entre pesquisadores e animais não  
humanos**

Sophia Scardua Pereira Takeuchi

Orientação: Eliana Santos Junqueira Creado

VITÓRIA, 2021

**SOPHIA SCARDUA PEREIRA TAKEUCHI**

**OS AVISTAMENTOS DE BALEIAS JUBARTES  
NO ESPÍRITO SANTO, BRASIL: RELAÇÕES  
MATERIAIS-E-SIMBÓLICAS ENTRE  
PESQUISADORES E OS ANIMAIS**

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Santos Junqueira Creado.

Vitória

2021

Sophia Scardua Pereira Takeuchi

**“O TURISMO DE AVISTAMENTO DE BALEIAS JUBARTES NO  
ESPÍRITO SANTO, BRASIL: RELAÇÕES MATERIAIS-E-SIMBÓLICAS  
ENTRE PESQUISADORES E ANIMAIS NÃO HUMANOS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em 16 de agosto de 2021.

Comissão Examinadora:

**Prof. Dr. Marcelo Fetz de Almeida (UFES)**

Coorientador e Presidente da Sessão

**Profa. Dra. Andrea Barbosa Osorio Sarandy (UFES)**

Examinadora Interna

Prof. Dr. Marcelo Fetz de Almeida

Por: **Prof. Dr. Guilherme José Silva e Sá (UNB)**

Examinador Externo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
MARCELO FETZ DE ALMEIDA - SIAPE 2250823  
Departamento de Ciências Sociais - DCS/CCHN  
Em 23/08/2021 às 23:25

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/255035?tipoArquivo=O>



Documento assinado digitalmente

Andrea Barbosa Osorio Sarandy

Data: 09/09/2021 10:57:58-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
CRISTIANA LOSEKANN - SIAPE 1778603  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS/CCHN  
Em 09/09/2021 às 20:57

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/264951?tipoArquivo=O>

**ABSTRACT:**

The rising presence of humpback whales (*Megaptera novaeangliae*) in the everyday life of the population of Espírito Santo, Brazil, has happened in different ways. The attention given to the species is mostly due to the media coverage, that report the increase in sightings of the species in the state, thus allowing the tourism activities (and not only them) to gain economic and social-cultural relevance. That context has allowed the whale to become the focus of different conservation efforts and triggered a series of researches, studies, initiatives and projects in favor of protecting the species and the production of useful knowledge, and appears to have built different engagements between the actors involved. The objective of this dissertation is to analyze the ways in which these different relationships occur between the human agents that work with the species and the species itself, and how whale watching tourism is being mobilized in Espírito Santo, Brazil. Based on a content analysis of the national and international techno scientific production on the subject, we did a research on the human agents involved with humpback whales in Espírito Santo and had some contacts with them through semi-structured interviews and questionnaires about the subject.

**Key-words:** whale watching; humpback whales; relations between humans and non-human animals.

**RESUMO:**

A crescente presença das baleias jubartes (*Megaptera novaeangliae*) no cotidiano dos moradores do Espírito Santo, Brasil, tem se dado de diferentes formas. A atenção voltada à espécie acontece principalmente pela cobertura midiática, que relata o aumento dos avistamentos da espécie no estado, e, com isso, as atividades de turismo (e não apenas elas) têm conquistado relevância econômica e sociocultural. Este cenário correlaciona-se com o fato de as baleias terem se tornado foco de diferentes esforços de conservação e desencadearam uma série de pesquisas, estudos, iniciativas, e projetos em prol da proteção da espécie e da produção de conhecimentos úteis, e isso resultou em formas específicas de relacionamento entre os agentes envolvidos. O objetivo desta dissertação é analisar como ocorrem essas diferentes relações entre os agentes humanos que trabalham com a espécie e a espécie propriamente dita, e como o turismo de observação de baleias está sendo mobilizado no Espírito Santo, Brasil. Baseando-nos na análise de conteúdo da produção tecnocientífica nacional e internacional sobre o assunto, fizemos uma pesquisa sobre os agentes humanos envolvidos com as baleias jubartes no Espírito Santo, e realizamos contatos com eles, por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários sobre o assunto.

Palavras-chave: turismo de observação de baleias; baleias jubartes; relações entre humanos e animais não humanos

## **AGRADECIMENTOS:**

Ao meu pai, minha madrasta e minha tia, por me aturarem todos os dias e me apoiarem por todos os momentos desta dissertação. À minha mãe, que mesmo não estando mais entre nós, nunca deixou de me acompanhar, não poderia deixar de agradecer imensamente. Agradeço de coração à minha avó e a tia Dodora pelo carinho e paciência de sempre.

Minhas amigas queridas que sempre estiveram comigo, aguentando os meus surtos e desesperos nesses tempos difíceis, mas que sempre me mantiveram forte, deixo aqui o meu obrigada imenso à Poly, Eli, Gi e Babi. Ao meu amor, Rafael, por também ter sido paciente e me incentivado a todo momento durante a escrita deste estudo.

Deixo também um agradecimento especial à minha orientadora e professora querida, Eliana Creado, por não só me orientar e guiar minha pesquisa, mas me manter firme para concluir a dissertação. Agradeço também ao meu co-orientador Marcelo Fetz pela colaboração e por presidir a minha defesa de dissertação. Não podendo deixar de fora, agradeço também à banca de dissertação, professores Andrea Osório e Guilherme Sá.

Por fim, não posso deixar de mencionar os meus interlocutores, humanos e não humanos, cuja colaboração foi essencial para a escrita desta dissertação. Agradeço ao PBJ pela colaboração e pelos cursos realizados. Agradeço pela disposição dos membros do PAJ, pelas entrevistas, indicação de leituras, disponibilidade de imagens e esclarecimento de diversas questões. Sem a ajuda dessas pessoas humanas não teria conseguido terminar meu estudo.



## **LISTA DE FIGURAS:**

Figura 1 - Cabeça de baleia jubarte para fora em passeio de avistamento de baleias.

Figura 2 - Batida de caudal de baleia jubarte capturada em um passeio de observação de baleias realizado em 2020 pelo grupo AVES.

Figura 3 - Caudal capturada em Vitória, ES, pelo PAJ.

Figura 4 - Logomarca do PAJ.

Figura 5 - A mascote jujuba com crianças em uma escola

Figura 6 - Cartilha educativa Baleia Jubarte para colorir feita para chamar atenção e ensinar as crianças sobre a espécie.

Figura 7 - Cartilha educativa Baleia Jubarte para colorir, desenho da anatomia do animal e o barco com turistas realizando o avistamento.

## **LISTA DE ABREVIACÕES:**

Instituto Baleia Jubarte (IBJ)

Projeto Amigos da Jubarte (PAJ)

Projeto Baleia Jubarte (PBJ)

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Comitê Internacional de Baleias (CIB)

## **LISTA DE QUADROS:**

Quadro 1 - Perfil dos respondentes

Quadro 2 - Possíveis impactos negativos decorrentes do tráfego de embarcações em baleias jubartes no Brasil

**SUMÁRIO:**

1. Introdução.....	10
2. Capítulo 1: As discussões e os impactos do turismo de observação de baleias jubartes no Espírito Santo.....	20
2.1. A trajetória do <i>whale watching</i> no Espírito Santo.....	20
2.2. Controvérsias relevantes sobre a história de conservação da espécie.....	28
2.3. O turismo de avistamento (principalmente) no Espírito Santo.....	31
2.4. A importância dos turistas.....	37
3. Capítulo 2: A subjetividade entre as baleias jubartes e as/os profissionais.....	43
3.1. O surgimento da representação da conservação de baleias: a caudal da jubarte.....	44
3.2. O encalhe: o emocional e a educação ambiental.....	51
3.3. As “jujubas” (quase) sem fronteiras.....	52
3.4. As queridinhas dos pesquisadores.....	56
3.5. As relações intersubjetivas e seus resultados.....	58
4. Capítulo 3: As cantoras metropolitanas e alguns parceiros (in)desejados.....	62
4.1. O tráfego de embarcações e seus impactos negativos.....	62
4.2. A canção da jubarte e a poluição sonora.....	71
4.3. Estratégias para diminuir os impactos negativos.....	74
5. Considerações finais.....	77
6. Referências bibliográficas.....	80
7. Apêndices.....	85

7.1. Apêndice I.....	85
7.2. Apêndice II.....	89
7.3. Apêndice III.....	91
7.4. Apêndice IV.....	92
7.5. Apêndice V.....	93
7.6. Apêndice VI.....	97
7.7. Apêndice VII.....	99

## 1. INTRODUÇÃO

As baleias jubartes (*Megaptera novaeangliae*) são cetáceos da família Balaenopteridae,<sup>1</sup> presentes em todos os oceanos, realizam migrações sazonais entre áreas de alimentação e áreas de reprodução, tendo o Banco de Abrolhos, Bahia, como o principal local reprodutivo da população “A” no Atlântico Sul de acordo com dados da ICMBIO (2011) e Rosenbaum et al. (2009). Desde a proibição da caça às baleias no Brasil em 1987 pela Lei Federal nº 7.643, evidências do crescimento populacional das baleias jubartes têm aumentado e, com isto, novas atividades envolvendo a espécie têm surgido no cenário nacional. Em sua migração vindo das Ilhas Sandwich do Sul e Ilhas Geórgia do Sul, ambas localizadas na região austral do Oceano Atlântico, a espécie passa pelo litoral brasileiro e representa, atualmente, um dos maiores atrativos do turismo envolvendo cetáceos no país.<sup>2</sup>

Nesta pesquisa de mestrado, faço uma análise das relações entre agentes humanos e baleias jubartes em Vitória, Espírito Santo, principalmente partindo do seu envolvimento em atividades como o avistamento de baleias e o seu resultado por meio das produções tecnocientíficas. Parto do pressuposto de que os diferentes agentes envolvidos nessas relações estabelecem afetos, que, por vezes, perpassam o campo profissional e entram no (inter)pessoal. O trabalho está apoiado em três frentes: (1) pesquisa junto a meios de comunicação, mais especificamente reportagens disponíveis *online* e transmissões ao vivo;<sup>3</sup> (2) pesquisa junto à produção tecnocientífica sobre o assunto; (3) questionários realizados com apoio dos meios digitais, com oito agentes envolvidos, de diferentes formas, na pesquisa, na conservação das baleias jubartes e nos avistamentos; (4) entrevistas semiestruturadas, com auxílio dos meios digitais, com três agentes importantes dos principais projetos no Brasil. As perguntas foram formuladas conforme a especialidade da/o interlocutor/a com o objetivo de compreender a experiência pessoal e profissional da/o mesma/o, assim como buscamos informações acerca do turismo de avistamento no Brasil.

Identificamos a existência de ramificações resultantes das interações com as baleias jubartes e em prol da sua conservação, entre as quais podemos identificar o esforço local do projeto

---

<sup>1</sup> Informações retiradas da lista de espécies e subespécies de mamíferos marinhos. Escrita em 2010, atualizada todo ano. Disponível em <<http://tiny.cc/pyb9mz>> Acesso em abril 2020.

<sup>2</sup> Informações obtidas na cartilha *Baleia Jubarte Responde* do Projeto Baleia Jubarte.

<sup>3</sup> Ver apêndice VI.

Amigos da Jubarte (PAJ), que é uma realização do Instituto Últimos Refúgios e Instituto O Canal, e possui parcerias com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a Vale S.A., a Prefeitura de Vitória e a Prefeitura da Serra, município do Espírito Santo, cuja extensão territorial é cindida pelo monte Mestre Álvaro, pertencente à Região Metropolitana de Vitória.<sup>4</sup> Com atuação nacional, mais focada na Bahia, o Projeto Baleia Jubarte (PBJ), criado em 1988 e patrocinado pela Petrobras desde 1996, por sua vez, conta com duas sedes: uma na Praia do Forte, no litoral norte da Bahia e outra em Caravelas, extremo sul baiano e porta de entrada do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, além de atuação em toda a costa baiana e extensão ao Rio de Janeiro e São Paulo, por meio de parcerias com instituições locais.<sup>5</sup> Posteriormente, foi criado o Instituto Baleia Jubarte (IBJ), organização não governamental, classificada como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que também atua no estado do Espírito Santo (ES). Estas instituições são as maiores representantes da conservação das baleias jubartes tanto no Brasil quanto no Espírito Santo, previamente mantinham uma relação mais próxima, entretanto recentemente o PAJ ganhou mais destaque no ES, inclusive junto a financiadores. A coleta de dados e informações para a pesquisa científica desse arranjo relacional tem contado com o apoio do Jubarte.Lab, “braço científico”<sup>6</sup> do PAJ desde 2016 e que recentemente firmou um acordo com a UFES e realiza uma pesquisa de monitoramento de cetáceos que está sendo realizada com o auxílio de drones.

Em 2019, foi aberto o Espaço Baleia Jubarte em uma parceria da Prefeitura de Vitória com o Projeto Baleia Jubarte,<sup>7</sup> com gestão do Instituto Baleia Jubarte. A instalação, franqueada ao público, conta com uma exposição focada no âmbito biológico, ambiental e econômico da espécie, e tem como objetivo incentivar a educação ambiental dos visitantes. O local também serve como atrativo para os que fazem turismo em Vitória, ES, estando nas proximidades da sede do Projeto Tamar, e costuma também ser visitada por quem faz o turismo de avistamento de baleias. A inauguração do espaço vincula-se à crescente importância que a espécie tem ganhado no Espírito Santo e no Brasil, tanto pela sua importância do ponto de vista socioambiental quanto econômica.

---

<sup>4</sup> Informações do site oficial do Projeto. Disponível em: <<https://www.queroverbaleia.com/>> Acesso em: 04 abril 2020.

<sup>5</sup> As informações se encontram na cartilha entregue no II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias Jubarte [s.d] e na cartilha *Baleia Jubarte Responde* [s.d] do Projeto Baleia Jubarte.

<sup>6</sup> Os dados são encontrados em notícias do site. Disponível em <<https://bit.ly/33MWM8Z>>. Acesso em: 04 abril 2020.

<sup>7</sup> De acordo com as informações do site do PBJ. Disponível em <<http://www.baleiajubarte.org.br/projetoBaleiaJubarte/noticia.php?id=585>>. Acesso em: 01 março 2020.

Além das entrevistas realizadas com os membros das instituições e projetos acima, a dissertação mobiliza minhas anotações de quando participei do II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias Jubarte no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). O evento foi organizado pelo PBJ, de 13 a 15 de junho de 2019, e contou com a presença de diversos representantes internacionais do turismo de avistamento. Tinha como foco as potencialidades da atividade na América Latina. Nele, pude acessar dados sobre os impactos da atividade internacional, permitindo uma comparação com os dados disponíveis do turismo de avistamento no Brasil.

Também conto com o apoio das minhas anotações do curso realizado pelo IBJ durante o período de 30 de novembro de 2020 a 03 de dezembro de 2020. O curso teve a participação de cinco palestrantes, sendo esses membros diretamente envolvidos com os PBJ e IBJ. Como literatura auxiliar, diversos materiais com foco nas baleias jubartes foram disponibilizados aos participantes, dos quais alguns (incluídos no Apêndice 1) auxiliaram o desenvolvimento da dissertação. Outro evento que colaborou para a escrita deste estudo foi o curso realizado novamente pelo IBJ, de 08 de junho a 10 de junho de 2021, com foco no resgate e necrópsia de cetáceos. O curso contou com a participação de três médicos veterinários envolvidos com o instituto e com experiência em encalhes.

Apesar de não ter focado especificamente na presença em campo, realizei dois passeios separados para avistamentos de baleias em Vitória, Espírito Santo, em duas ocasiões durante a produção da monografia e a dissertação, ambas correlacionadas ao tema. A primeira ocasião ocorreu em 05 de agosto de 2018, como segunda parte de um curso sobre odontocetos e mysticetos. A segunda ocorreu em 29 de agosto de 2020, com os protocolos de segurança sendo aplicados em vista da pandemia causada pelo coronavírus.

Por fim, como apoio aos materiais citados acima para análise dos emaranhados que também perpassam o lado profissional dos atores envolvidos com a observação de baleias e as publicações científicas, analisei as falas destes em quinze transmissões feitas pelo Projeto Baleia Jubarte e o Amigos da Jubarte durante o período em que os espaços estavam parados e as atividades cessadas em razão do coronavírus, isto é, entre julho à novembro de 2020.<sup>8</sup>

Foi objetivo secundário desta pesquisa identificar como funciona a dinâmica entre as atividades de turismo de avistamento, os avistamentos de modo geral, e os projetos envolvendo a

---

<sup>8</sup> Ver apêndice VI para tabela com transmissões ao vivo.

conservação das baleias jubartes. De acordo com dados *Lista Vermelha* da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), há quatro populações de baleias jubartes no mundo (Atlântico Norte, Pacífico Norte, Norte do Oceano Índico e Hemisfério Sul)<sup>9</sup> e aproximadamente 135.000 indivíduos da espécie. Dessa forma, procurei entender um pouco como os pesquisadores e profissionais envolvidos com os cetáceos em questão interagem com a espécie, direta e indiretamente, e como estes esforços colaboram com a conservação da espécie e as atividades relacionadas a ela, assim como garante a posição da baleia jubarte como patrimônio natural.<sup>10</sup> Estão incluídos na categoria “profissionais”, recorrente por todo estudo, todos os agentes humanos envolvidos com a conservação das baleias jubartes no Brasil: pesquisadores de cetáceos, biólogos, oceanógrafos, geógrafos, ambientalistas, fotógrafos e outros.

A princípio, a dissertação surgiu com a intenção de realizar uma etnografia que se aproximava com a realizada por Sá (2006) ao estudar os primatólogos e seus quase-objetos, quase-sujeitos de estudo em Minas Gerais no período de 2002 a 2004. O autor tenta compreender as relações intersubjetivas que surgem pelas interações entre humanos e não-humanos por meio de um acompanhamento em campo dos muriquis e dos cientistas envolvidos com essa espécie. Todavia, a pesquisa, no seu atual formato, aproxima-se mais da proposta de Helmreich (2009) em sua análise dos cientistas nos Estados Unidos de 2000 a 2005. O autor acompanhou as produções e rotinas de microbiologistas, biólogos marinhos e oceanógrafos em sua busca do entendimento das facetas do mundo de micróbios no mundo oceânico, assim como tentou traçar uma conexão entre o biológico e o social por meio destes agentes. Como o autor, minhas tentativas também perpassam diversos campos e teorias diferentes, ao procurar compreender como os cientistas representam e se relacionam com as baleias, não apenas por engajamentos corporais.

Por atravessar diferentes orientações da Antropologia, e conter diversas publicações científicas da biologia, convém mencionar a proposta metodológica de Helmreich (2009). A teoria “*athwart*” consiste na combinação de teorias de diferentes áreas disciplinares, resultando em operações que representem o real. O corte transversal que a interdisciplinaridade da pesquisa

---

<sup>9</sup> Dados da Lista Vermelha da IUCN. Disponível em <<https://www.iucnredlist.org/species/13006/50362794>>. Acesso em: 16 maio 2020.

<sup>10</sup> Dados do site oficial do IBJ. Disponível em: <<https://baleiajubarte.org.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.



proporciona, em que o autor acaba sendo engolido pelas teorias, permite traçar as convergências e as diferenças entre elas.

Em muitas publicações acerca dessas relações entre humanos e não-humanos, o âmbito afetivo é levado em consideração, sendo por vezes o aspecto matriz dos entrelaçamentos entre tais seres. Muitas dessas produções sobre os envolvimento de uns com os outros serão utilizadas para pensar os encontros diretos e indiretos das baleias jubartes com os agentes humanos envolvidos em sua conservação. Como o colocado por Favret-Saada (1990), que por sua vez estudou a questão da feitiçaria no Bocage francês, e ponderado aqui através da leitura sobre ontologias múltiplas e trabalhos em Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia, deixar-se ser afetada/o pela situação em que se está inserida/a na pesquisa permite também aprender com os nossos quase-objetos, quase-sujeitos de estudo como um dispositivo metodológico que se aproxima do descrito acima.

Infelizmente, nem todas as pretensões iniciais propostas para a dissertação foram possíveis de realização, especialmente por conta da pandemia e, conseqüentemente, pelas medidas de isolamento social, que impediram o trabalho de campo planejado. Este seria de imensa ajuda para compreensão profunda e completa das afetações e relações entre os profissionais e os animais não-humanos aqui em questão. Por outro lado, recorreremos a redes sociais e transmissões realizadas pelos órgãos e instituições envolvidos com as baleias jubartes, assim como a entrevistas por e-mail e Whatsapp e, depois, três entrevistas em profundidade, realizadas via o Google Meet, plataforma virtual de comunicação por vídeo.<sup>11</sup> Tudo isso permitiu que, de certa forma, essa lacuna fosse preenchida. Não obstante, as publicações científicas auxiliares foram ainda mais necessárias, e estão resumidas a seguir.

Acerca da análise de conteúdo junto à produção tecnocientífica sobre baleias jubartes, selecionei as que focam o entendimento sobre a espécie e os seus pesquisadores, e sua relação com o avistamento de baleias, assim como com os projetos e instituições relacionados com seus quase-objetos. De modo geral, esta dissertação é marcada majoritariamente pela presença crescente dos não-humanos nas literaturas da Ciências Sociais, muitas das quais fazem interface com outras áreas e disciplinas, perpassando as diferentes relações dos agentes humanos e suas ações para com outros seres vivos. Principalmente no caso da antropologia, as questões ontológicas envolvendo natureza e cultura sempre foram elaboradas e re-elaboradas;

---

<sup>11</sup> Disponível em: [meet.google.com](https://meet.google.com), em 31 de agosto de 2021.

mais especificamente a Antropologia da Ciência e da Tecnologia nos permitiu realizar a análise dos entrelaçamentos dos agentes humanos, neste caso pesquisadores e profissionais envolvidos com baleias jubartes, com os animais não-humanos que pesquisam. Nesse sentido, as etnografias multiespécies, termo utilizado por Helmreich e Kirksey (2010), tratam de um esforço de análise antropológica sobre produções em que o humano e o não-humano se entrelaçam. Pretendi, assim, analisar as relações dos agentes humanos envolvidos com as baleias jubartes e outros animais, perpassando as facetas do avistamento de baleias, muitas vezes atrelado ao turismo, apoiando-me na proposta de novas formas de agir, pensar e sentir com atores heterogêneos utilizando diversos textos antropológicos, mas não apenas.

Stengers (2015) trata da relação entre agentes partindo do pressuposto da responsabilidade. O que sabemos e o que nos afeta suficientemente para nos levar à ação? No sentido de que, pelas informações obtidas, é papel da ciência e seus representantes se responsabilizarem pelas ações conjuntas que causam danos aos ambientes e a outros seres. A autora acredita que devemos aprender a como nos relacionar, de maneira afetiva, com os agentes não-humanos, em uma prática de produção de saberes coletivos, desenvolvendo diferentes formas de resistência. Tais formas se referem a um pensar em conjunto e convém a uma proteção dos vulneráveis, sejam estes humanos ou não-humanos. Na presente pesquisa, acreditamos que as baleias jubartes encontram-se dentre os seres vulneráveis, assim como parcela significativa da humanidade.

Haraway (2016), autora essencial principalmente para o segundo capítulo da dissertação, retrata os processos de viver e morrer na Terra, em operações que não são nada estéreis. A autora cria conceitos e descreve histórias construídas em conjunto com criaturas que ocupam os mesmos espaços que os humanos, entrelaçando e transformando essas diferentes histórias em uma única. Busquei ver, nas relações intersubjetivas dos agentes humanos envolvidos com as baleias jubartes, as operações de “criar-com” e “tornar-se-com” da autora. Considerei as baleias jubartes como espécies companheiras dos profissionais abordados. no sentido de que esses agentes necessitam uns dos outros de maneiras diferentes.

Assim como Haraway, Despret (2013) também será mobilizada para pensar como os pesquisadores vêem os não-humanos que estudam, levando em consideração a perspectiva destes. O conceito de agenciamento utilizado pela autora será importante para pensar as baleias jubartes como sujeitos e como partes afetadas e afetantes nas relações com outros seres, neste caso os profissionais envolvidos com a espécie no Brasil.

Levei também em consideração os apontamentos feitos por Milton (2002) em suas análises sobre como ambientalistas e conservacionistas se relacionam com a natureza e sobre como essa relação se desenvolve de maneiras diferentes entre as pessoas, perpassando as emoções e a construção do conhecimento, produtos de suas experiências pessoais com a natureza. A autora trata dos argumentos e significados por trás das campanhas de proteção da natureza e de seus seres, questionando quais razões motivam os ambientalistas à ação.

Pensei também sobre a composição de diferentes seres e sobre como eles se relacionam entre si e com os humanos, como tratado por Descola (2014) em seu esquema de ontologias organizadas em sistemas, em modos relacionais, para pensar principalmente a lógica da caça e o surgimento dos projetos de conservação. Fiz o mesmo com as formas relacionais descritas pelo autor (DESCOLA, 2012) para pensar as simetrias e assimetrias das relações entre baleias jubartes e os profissionais envolvidos com elas em atividades onde nem sempre encontramos equivalências entre os termos de uma relação. Assim, tais profissionais foram então considerados como naturalistas (e ambientalistas) aqui, e esta foi a ontologia a partir da qual desenvolvi minha pesquisa e o presente texto.

Em relação às campanhas de conservação e educação ambiental como forma de trazer a atenção do público para as ameaças a que as jubartes são expostas, foi possível me apoiar nos conceitos de incluir e conhecer de Tsing (2010). A autora, ao tratar dos cogumelos e fungos, espécies que comumente passam despercebidas debaixo do solo e pelo desconhecimento dos outros pode levar a um perigo de extinção, como no caso de outras espécies. Assim como as jubartes, o conhecimento geral da importância desses animais é essencial para que as pessoas tomem interesse em sua proteção e sua conservação. No caso da baleia jubarte, espécie sentinela ambiental, a sua saúde liga-se à saúde do meio em que ela reside, até pode-se considerar que “as baleias carregam a história do oceano dentro delas”.<sup>12</sup>

Outra autora que compôs nossos estudos, com intuito de entender os elementos importantes da análise da relação entre as baleias jubartes e os humanos, foi Fausto (2018). Ela discute principalmente os direitos de humanos e animais, levando em conta quais são as motivações humanas por trás da formulação de leis e regulamentos envolvendo a sobrevivência e a saúde dos animais não-humanos.

---

<sup>12</sup> José Laison Brito Jr, oceanógrafo e coordenador do laboratório de mamíferos aquáticos, na transmissão do PBJ no dia 02 de julho de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=eqVUXFoCYQQ>>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.

Dentro de certos limites, por conta da pandemia associada ao coronavírus, procurei identificar os efeitos dos encontros diretos e indiretos dos agentes humanos com os seus sujeitos-objetos, com apoio das análises antropológicas de autores como Sá (2006), em suas observações sobre as relações intersubjetivas dentro de coletivos de humanos e animais não-humanos, traduzidas em história por meio de uma experiência mútua. Levei em conta, portanto, que os não-humanos são seres sociais, influenciados pela presença dos humanos e capazes de suas próprias observações, apesar da tentativa de uma “presença neutra” e objetiva de cientistas em campo. Torres (2016) realizou uma tarefa similar ao estudar os pesquisadores e suas produções científicas em torno das baleias jubartes, acompanhando o trabalho do IBJ na Bahia. A autora analisou, daí com uma mobilização da imersão em campo, os encontros, diretos e indiretos, que os profissionais deste instituto têm com seus objetos de pesquisa, procurando estabelecer relações entre as subjetividades e as científicas desses agentes.

As publicações utilizadas para a monografia da autora dessa dissertação, intitulada “Análise sobre as baleias jubartes na costa brasileira: as consequências da ação antrópica na saúde do animal e do ecossistema” (TAKEUCHI, 2018), realizada como conclusão de curso para a graduação em Ciências Sociais pela UFES, também foram utilizadas aqui como base para o entendimento do assunto. Além disso, utilizamos também textos enviados por Clara Crizio de Araujo Torres (2016), mestra em Ciências Sociais, recolhidos por ela durante sua pesquisa na Bahia, e que foram disponibilizados pelo próprio IBJ, e que foram essenciais para a compreensão da situação das baleias no Brasil. Essas produções, assim como outras encontradas pela própria autora da presente dissertação e as indicadas pelos profissionais do IBJ no curso realizado pela instituição, foram organizadas em um quadro (Apêndice 1) para facilitação da leitura e da análise. O quadro foi organizado da seguinte forma: título; autor(es); ano de publicação; principais tópicos, conforme a proximidade com o assunto em questão; país de publicação, conforme a disponibilidade; editora/revista/jornal/site eletrônico em que foi publicado, e ou a/s plataforma/s responsáveis por disponibilizar as produções; a classificação do tipo de texto que está sendo analisado: artigo, livro, monografia, dissertação, dentre outros. Aproveito para agradecer pelo apoio colaborativo, ainda mais precioso nesse momento pandêmico.

Outros apêndices com materiais secundários orientam-se por sistematização similar, cujo objetivo é guiar quem lê essa dissertação de modo a permitir o acesso à trajetória de pesquisa. O quadro de transmissões ao vivo está organizado conforme: o título do vídeo, o canal onde

foi publicado, a data da transmissão e de acesso, o nome dos palestrantes e o link. Outro quadro feito para facilitar a localização dos leitores pelo estudo é composto pelas falas de teores afetivos dos profissionais no II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias Jubartes, separadas pelo nome do palestrante e a sua especialização e/ou o seu cargo. A seguir, faço uma apresentação da estrutura geral do texto da dissertação.

\*

No capítulo 1, trabalharei os diferentes âmbitos das relações entre baleias jubartes e profissionais com quem elas interagem, incluindo as controvérsias do turismo de avistamento. Intitula-se “As discussões e os impactos do turismo de observação de baleias jubartes no Brasil”, com o foco na proposta da atividade ser sustentável, como defendem os agentes envolvidos com os projetos de conservação da espécie, seu estatuto no país e os diversos resultados das pesquisas realizadas sobre as possíveis consequências da atividade. Nele, identificam-se os principais tópicos que perpassam a discussão acadêmica sobre essa modalidade de turismo, bem como a sua prática. As entrevistas realizadas e as transmissões ao vivo analisadas serviram de apoio ao conteúdo científico, levando em consideração as perspectivas dos agentes humanos entrevistados ou acompanhados por essa via. Como o colocado supra, um dos deslocamentos de nossa pesquisa, por conta da pandemia, foi a mudança de seu foco, que deixou de ser o turismo de avistamento em si, para pensar de modo mais geral as interações entre agentes humanos e baleias jubartes, via mediações feitas pelas/os pesquisadoras/os ou pelas embarcações, e que se atrelam ao naturalismo - uma das formas relacionais de Descola (2014), que se baseia grosso modo na descontinuidade de interioridades e na continuidade material.<sup>13</sup>

Assim, o segundo capítulo, de título “A subjetividade científica entre as baleias jubartes e as/os pesquisadoras/es”, centrará os desdobramentos dessas relações, por meio de autoras/es relevantes para a Antropologia, em especial ligadas/os à Antropologia da Ciência e da Tecnologia e da corrente que às vezes é chamada de “virada ontológica”. Nesta parte da dissertação, a atenção será direcionada à análise dos relatos pessoais das/os entrevistadas/os e respondentes sobre suas experiências e motivações ligadas ao trabalho com as baleias jubartes,

---

<sup>13</sup> Aqui, faço um uso mais livre do termo “naturalismo”, tendo como base os modos de identificação de Descola (2014), ou seja, as diferentes formas de inferência sobre as identidades de seres no mundo, sendo estes: animismo, totemismo, analogismo e, por fim, o naturalismo.

com atenção especial àquilo que as/os levou a trabalhar com a espécie, detalhando alguns dos encontros e afetos surgidos d/nessas relações.

O terceiro capítulo, de título “As cantoras metropolitanas e alguns parceiros (in)desejados”, focará principalmente nas possíveis ameaças provenientes do intenso tráfego de embarcações em rotas que as baleias jubartes fazem na costa do Espírito Santo e as consequências dessa convivência, tendo em vista as vocalizações do macho da espécie, ponderando sobre as estratégias e as preocupações elaboradas por esses profissionais para mitigar seus efeitos negativos.

## **2. CAPÍTULO 1: As discussões e os impactos do turismo de observação de baleias jubartes no ES**

Defendo que o entendimento acerca do surgimento do turismo de observação de baleias no Espírito Santo está diretamente relacionado com a história da caça de baleias no Brasil. As diferentes perspectivas que surgiram no país sobre a conservação da baleia jubarte, seja por sua importância biológica seja por sua importância econômica, são um dos ângulos para compreensão da atividade. Neste capítulo 1, resumo o contexto histórico perpassado pelas baleias jubartes no cenário nacional e procuro demonstrar de que formas o turismo de observação de baleias tem influenciado nas relações entre agentes humanos e não-humanos, da perspectiva de profissionais envolvidas/os com as atividades turísticas.

Para tanto, será utilizada uma combinação da análise de publicações científicas, dos relatos dos respondentes sobre o assunto e as anotações do curso do IBJ, buscando identificar quais são as principais controvérsias que apareceram nas literaturas encontradas para pensar as relações entre esses agentes e as baleias, através do turismo de avistamento. A influência do *whale watching*, termo em inglês para a atividade, dentro dessas interações será explorado neste momento da dissertação.

### **2.1. A TRAJETÓRIA DO *WHALE WATCHING* NO ES**

A baleia jubarte (*Megaptera novaeangliae*) passa pelo Espírito Santo a caminho da Bahia para seu processo reprodutivo, vinda da Antártida, e a migração ocorre nos meses de junho a novembro, período em que as jubartes se encontram em águas nacionais. Nefastamente, na opinião de agentes humanos envolvidos com a espécie, a presença dela no país teve sua história marcada pela caça. Consideramos aqui o conceito de caça como descrito por Pinheiro (2014, p. 95), sendo “designar todos os animais silvestres que habitam livremente e, portanto, fora do cativeiro, bem como a atividade permitida ou não, destinada a capturar esses animais para os mais diversos fins”. Ainda nos baseando nos estudos do autor e da Lei nº 5.197/67, a caça predatória - sob esse viés naturalista, que representa uma dentre outras ontologias -, é caracterizada pela ausência de proteção legal e pode ser para fins profissionais ou sem nenhum fim específico, podendo causar impactos ambientais diversos. É importante ressaltar que, mesmo sob esse viés, nem toda caça é considerada predatória, podendo ser de controle,

científica ou esportiva (PINHEIRO, 2014, p. 100). É importante ressaltar que não escrevo a partir de outras ontologias, mas sim daquela onde me situo, correndo o risco de me basear apenas no viés naturalista, procuro reconhecer que este viés, por vezes, tenta se impor a outros, estabelecendo uma relação assimétrica com eles.

Como narrado por Hart e Edmundson (2014), a caça de baleias teve seu início no Brasil na Bahia no século XVI, com foco em Costinha, vila localizada naquele estado, e a gordura desses animais era principalmente utilizada para iluminação, fabricação de velas, cimento e sabão. Os autores afirmam que, de acordo com os pescadores, as baleias jubartes eram fáceis de matar e, portanto, a caça causou um declínio catastrófico no número de indivíduos no Brasil. O turismo de avistamento de baleias teve seu início com os animais mortos, quando estavam sendo cortados e transformados em produtos.

O encerramento da caça ou de qualquer tipo de assédio ao animal foi decretado em 1986 e, de acordo com Hart e Edmundson (2014), a Bahia, em especial Costinha, foi forçada a planejar alternativas viáveis à atividade para a comunidade pesqueira local, que dependia economicamente da caça. Foi com esta iniciativa, diante do surgimento dessas proibições, que projetos de conservação e unidades de conservação foram criados, dando espaço para uma recuperação das espécies de baleias caçadas, apesar disso poder (e muitas vezes foi o que ocorreu) às custas de outras relações e engajamentos com esses animais.

Nesse sentido, e ainda a partir dos engajamentos ambientalistas, há duas correntes de pensamento tratadas por Wearing e Neil (1999) que tratam das possíveis causas dessa transição de pensamento do público: a perspectiva tecnocêntrica e a filosofia ecocêntrica. A primeira atenta para a importância econômica que os animais têm para os humanos. Ou seja, salvamos os animais porque eles fornecem recursos para nós. Contrária a essa visão, temos uma perspectiva mais “emocional”, conhecida pelo foco ecocêntrico, que considera os animais valiosos por si próprios, não sendo função humana determinar quem vive e quem morre. Essa mudança é relacionada primordialmente pela alteração de valores, principalmente ocidentais, na relação de humanos com os animais, visando uma superação da caça por uma atividade mais sustentável. Essas duas formas de pensamento já adquiriram diferentes termos e conceituações através das disciplinas e da história de conservação no contexto internacional, como por exemplo, em Milton (2002).



A autora pensa a qualidade de pessoa, geralmente definida por moldes da cultura ocidental, em que os não-humanos podem ou não se encaixar. Assim como na perspectiva tecnocêntrica, os argumentos baseados no recurso não levam em consideração a pessoalidade dos animais, através da qual estes são importantes e devem ser preservados como componentes da diversidade, pelo valor que possuem para as pessoas-humanas. Entretanto, se levarmos em consideração que os não-humanos possuem esse valor, devemos tratar a natureza com empatia. Ambos os argumentos podem ser juntados aos argumentos aliados à moral e utilizados pelos ambientalistas para atingir suas metas.

Outra possibilidade de entendimento, que indiretamente perpassa a mudança de valores, é pela perspectiva de mudança ontológica no status das baleias por meio do entendimento de Torres (2016), pensando nas formas relacionais de Descola (2012), em relação às interações, podendo estas serem entre similares (em que “eu” e o *outro* somos ontologicamente equivalentes), sendo estas: troca, predação ou dádiva; ou não-similares, que seriam: proteção, transmissão e produção.<sup>14</sup> Torres (2016), por meio de sua análise dos pesquisadores do IBJ em Caravelas e das diferentes relações entre estes profissionais e seus quase-objetos, pontua que a relação, que antes era assimétrica negativa em razão da caça, passou a ser assimétrica positiva, pelo protagonismo dos ambientalistas.

A partir desse ponto da história das baleias jubartes, os cientistas passam a incentivar, implementar e projetar ações que visam o bem-estar da espécie. É possível inferir que foi desenvolvida uma forma de ecologia afetiva (HARAWAY, 2016), inspirada em uma ética de responsabilidade (*response-ability*) em que as questões de diferença entre as espécies são conjugadas em experiências de afeto, entrelaçamentos e rupturas. A responsabilidade também diz respeito à construção de formas de resistência (STENGERS, 2015), em que os humanos assumem a frente das consequências das ações antrópicas que atingem determinados não-humanos. Estes aspectos são presenciados na forma com que os pesquisadores repensam/ram as maneiras de morrer e viver na terra, criando laços de interdependência, o que iremos aprofundar no capítulo dois.

---

<sup>14</sup> A troca, considerada simétrica, prevê a transferência entre dois seres e sempre prevê algo em retorno; faz um contraste com a predação, assimétrica, em que um dos seres pega algo e não dá nada em retorno. A dádiva caracteriza uma assimetria em que um ser dá algo ao outro sem esperar nada de volta. As relações entre não-similares podem ser de proteção, em que há uma dominação do protetor daquele que se beneficia de sua proteção, podendo ser mutuamente proveitoso. Outra forma relacional deste grupo é transmissão, definida por Descola (2012, p. 464) como a forma em que mortos, por meio de filiação, podem controlar os vivos. Por fim, há a produção, como as relações entre sujeitos como condição dos meios de existência.

Por agora, focarei em trabalhar o histórico do turismo de observação de baleias e as significâncias que essa atividade trouxe para a espécie. Novamente, ressalto que escrevo a partir do viés naturalista, e, dentro deles, ambientalista.

A literatura sobre a identificação que as baleias apresentam atualmente perpassa diversas áreas de conhecimento, entrelaçando-as para pensar todos os âmbitos das relações entre os humanos e as baleias jubartes. Kalland (1993) explora as diferentes dimensões que os animais ocupam, principalmente sobre sua simbologia, que lhes foi conferida pelos agentes envolvidos nas discussões acerca da conservação da espécie em um contexto internacional. O autor, criou o termo “superbaleia”, utilizado para se referir à imagem criada pela junção de características de várias espécies em uma tentativa de aproximá-las do público geral. Esse conglomerado animal, que existe apenas na representação, se transformou em símbolo da conservação da vida, sendo imoral caçá-lo. Esta imoralidade, ligada a esta proximidade criada, diz respeito a uma projeção humana, que se vê violada pela violência perpetuada contra o animal (FAUSTO, 2018).

Para atores distintos, como analisa Kalland (1993), como os pescadores de nações baleeiras, as baleias tomam identificações diferentes. Para estes agentes, o animal é fonte de sustento e símbolo da tradição cultural e utilizam de diferentes métodos para legitimá-lo, como no caso da caça sendo permitida apenas para pesquisas científicas. Iremos adentrar brevemente nesta perspectiva em outro tópico, por ora, concentro-me no caso dos operadores e pesquisadores, no qual o turismo parece estar sendo utilizado como meio de consolidar sua perspectiva, em oposição a outras, sobre as baleias.

Após a proibição da caça, o número de baleias jubartes têm se recuperado em uma taxa de 7,4-15,2% ao ano, de acordo com dados de 2011 (FERNANDES, ROSSI-SANTOS, 2018). A estimativa é de que a população tenha sido reduzida de 28 mil indivíduos à 1.120 (4% do número de baleias pré-caça no século XV) e em 2019, foram constatados 14.618 indivíduos<sup>15</sup> e em 2021, as estimativas atuais variam entre 20 e 25 mil indivíduos.<sup>16</sup> Desde 2008, o status de conservação da baleia jubarte é de baixa preocupação, conforme o ICMBio (2011), devido ao surgimento das iniciativas valorizando a conservação da espécie através dos anos, sendo uma dessas o foco da dissertação: o turismo de avistamento de baleias.

---

<sup>15</sup> Dados coletados do curso do IBJ do dia 01 de dezembro de 2020, informados por Luena Fernandes.

<sup>16</sup> Dados coletados do curso realizado pelo IBJ no dia 08 de junho de 2021.

A história desse tipo de turismo é narrada por Engel, Fernandes e Cipolotti no *Guia de Observação das Baleias na Bahia* (2016). Em 1975, na costa leste americana, surgiu o que é conhecido atualmente como *whale watching*, ou turismo de observação de baleias. No Brasil, apenas em 1988 foram realizados os primeiros cruzeiros com o objetivo de fotografar as baleias e estudá-las na Bahia, após uma redescoberta de uma pequena população em Abrolhos, surgindo assim o PBJ em Caravelas. Em 2001, conforme o constante crescimento da população de baleias jubartes no estado da Bahia, a segunda sede do IBJ foi aberta na Praia do Forte.

Entendemos o turismo de avistamento de baleias (*whale watching*) conforme definido pelo Instituto Baleia Jubarte em seus documentos *Guia de Observação de Baleias* (2016) e *Guia de Observação de Baleias na Bahia* (2019): a observação dos animais em seu habitat natural, podendo ser realizada em terra a partir de pontos de avistamento, ou no Oceano por pequenas aeronaves ou por embarcações. A instituição considera que atividades como o ecoturismo, se realizadas de forma responsável, podem trazer benefícios para a conservação da espécie e sensibilizar os que participarem dela. Levando em consideração o objetivo de balancear os impactos negativos e positivos da atividade, primeiramente devemos considerar quais conceitos são atribuídos a ela, tendo em mente que não há consenso teórico sobre o ecoturismo (WEARING, NEIL, 1999) e, portanto, serão priorizadas aqui algumas perspectivas consideradas relevantes.

Para ser caracterizada como sustentável, alguns autores afirmam que a atividade deve ser ligada à “gestão de todos os ambientes, recursos e comunidades receptoras, de modo a atender às necessidades econômicas, sociais, vivenciais e estéticas, enquanto que a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais e a diversidade biológica dos meios humano e ambiental são mantidos através dos tempos” (GLOBE, 1990, *apud* RUSCHMANN, 2000, p. 82). Para a Organização Mundial de Trabalho (2003 *apud* KOROSSY, 2008), o ecoturismo trata daquele turismo que atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro.

Apesar de cotidianamente o ecoturismo ser tratado como sinônimo do conceito citado acima, diversos especialistas como Korossy (2008) consideram que o turismo sustentável não é uma tipologia de turismo, mas sim uma maneira de o promover. De acordo com a autora, o ecoturismo trataria de uma conexão com a natureza e não necessariamente se refere a uma atividade sustentável.

Uma das principais críticas endereçadas ao ecoturismo é que o turismo surge e se relaciona intimamente com a lógica capitalista, uma lógica de acumulação de riquezas (WEARING, NEIL, 1999; SILVA, 2014). Isso vai de encontro às proposições feitas pelo ecoturismo e da não degradação ambiental; que se propõe a ser o contrário do turismo de massa, que procura sempre atrair uma quantidade maior de interessados. O ecoturismo tem como missão estabelecer um limite máximo de visitantes que não cause impactos negativos para o espaço protegido, fiscalizando para que ele não seja excedido, enquanto o turismo de massa segue investindo em propaganda para chamar mais e mais pessoas interessadas em fugir, mesmo que momentaneamente, do seu cotidiano (KRIPPENDORF, 2006). O turismo de massa foca principalmente no lazer e não tem a preocupação de incentivar os aspectos de preservação ambiental nos locais em que ocorre. Será, então, que o ecoturismo consegue ultrapassar a lógica do capital para dar preferência à redução ou à evitação dos impactos ambientais? E como?

A presença das empresas privadas no controle e na administração dos passeios de turismo de avistamento de baleias resulta no fato de que a definição dos preços fica a critério dessas, não sendo uma atividade acessível a um número maior de pessoas. Por ir contra alguns critérios do turismo de massa, em que a demanda é quem comanda a operação, o controle da quantidade de turistas pode levar a preços altos ou a uma renda não sustentável para as agências de turismo e demais envolvidos. Em países em desenvolvimento que entram no ecoturismo, o perfil dos turistas nem sempre está em acordo com o perfil da população local, cujo recurso passa a ser apropriado por um número menor de envolvidos.

Levando em consideração o estado da Bahia, Brumatti (2008) definiu as características dos principais participantes dos passeios e concluiu que se trata de um público relativamente jovem, de classes sociais mais elevadas, com nível mais elevado de instrução e que viaja em família. A tentativa de implementar um avistamento que permita participação de todas as camadas sociais já tem sido implementada em Vitória, ES, pelo PAJ, como relata o entrevistado 02, representante do projeto, que foi entrevistado, por meio de um sorteio com alunos e professores de escolas públicas para realizar o passeio e avistar baleias jubartes de graça. Ademais, a iniciativa traz capacitação, sobre a espécie, com certificado para professores de escolas públicas na Grande Vitória. A demanda veio diretamente dos professores por interesse em ensinar para seus alunos sobre o mar e as baleias, colaborando com a sensibilização à educação ambiental dos jovens, ponto importante que discutiremos no capítulo 2.

Apesar desse conflito entre práticas-e-saberes, afirmo que os impactos socioculturais se misturam com os biológicos e conforme novas informações e análises são produzidas acerca do ecoturismo, unindo diferentes conhecimentos sobre o assunto, as normas e os regulamentos precisam ser ajustados para atender às novas necessidades da espécie e do contexto regional. Para Sousa-Lima e Clark (2008), a sustentabilidade do turismo de avistamento depende de: manter a quantidade de turistas realizando a atividade perto da capacidade de carga da frota do turismo de avistamento; a flutuação econômica regional e local; a manutenção dos recursos essenciais para a atividade. Os autores concluem que, se as baleias estão sendo incomodadas a ponto de saírem da área, então não tem como o turismo se caracterizar como sustentável. Portanto, essa perspectiva reforça a necessidade de pesquisas aprofundadas sobre possíveis impactos do turismo de avistamento de baleias.

Um censo realizado em 2015 estimou cerca de 28 mil baleias no Atlântico Sul, representando o ponto máximo da população, e com um crescimento estimado de 12% ao ano. Em 2019, a população estava em aproximadamente 25 mil, se estabilizando e caracterizando uma avistagem de 20 mil distribuídas apenas no Brasil.<sup>17</sup> Enquanto isso, o turismo de observação de baleias movimentou, em 119 países, cerca de 13 milhões de turistas, 2.1 bilhões de dólares e deu emprego para 13 mil pessoas em 2009 e se caracteriza atualmente como a maior atividade econômica envolvendo cetáceos (PARSONS, 2012). A atividade tem crescido cerca de 10% na América do Sul (FERNANDES, ROSSI-SANTOS, 2018) e, segundo dados do Observatório do Turismo da Prefeitura de Vitória e do Instituto Ecomaris, no Espírito Santo, 893 turistas participaram das viagens, com 38 expedições, em 2018.<sup>18</sup> E, em 2019, mais de 800 pessoas participaram das expedições.<sup>19</sup>

As baleias jubartes, conforme o aumento da sua relevância nacional e internacional, têm sido foco de produções tecnocientíficas que tratam principalmente da importância que a espécie tem para o ambiente. Sendo classificada como uma espécie-chave (PAINE, 1969 *apud* DAVIC, 2003), é considerada como importante para o ecossistema e, por isso, seu desaparecimento é tido como capaz de levar a graves problemas para o mesmo. A conexão entre a conservação das baleias jubartes e o bem-estar do oceano tem sido uma das principais razões citadas por

---

<sup>17</sup> Transmissão “Contando baleias - monitorando a recuperação das baleias-jubarte no Atlântico Sul” no dia 25 de julho de 2020. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=yE2MK\\_EBXfc](https://www.youtube.com/watch?v=yE2MK_EBXfc)>. Acesso em: 09 de novembro de 2020.

<sup>18</sup> Dados do site de turismo do governo brasileiro. Disponível em <<shorturl.at/owPR>>. Acesso em 01 abril 2020.

<sup>19</sup> Entrevista dada por Dorval Uliana, Secretário de Turismo do Espírito Santo. Disponível em <<https://brasilturis.com.br/espírito-santo-baleias-2019/>>. Acesso em 01 abril 2020.

ambientalistas e ativistas para a proteção da espécie, além das questões éticas e morais que têm perpassado as arenas decisórias internacionais (KALLAND, 2009). Por se tratar também de uma sentinela ambiental, muitos especialistas afirmam que o corpo da baleia possui a história do mar dentro de si.<sup>20</sup>

O aspecto econômico está diretamente ligado com a grande presença do turismo sustentável de avistamento de baleias, cujo potencial mundial e nacional tem promovido empregos e conquistado turistas, funcionando como um novo atrativo para o Espírito Santo. A movimentação do turismo por operadoras trouxe para o estado, em 2019, 236 mil reais e contou com participantes de vários estados do Brasil (26,3% dos participantes não eram do Espírito Santo), assim como alguns estrangeiros (2,2% dos turistas não eram brasileiros).<sup>21</sup>

O potencial do estado é tido como considerável, apesar de contar apenas com três embarcações e duas operadoras,<sup>22</sup> por ter uma das mais altas taxas de avistamento de baleias jubartes do mundo, próxima de 100%, ultrapassando locais onde a atividade tem mais desenvolvimento, onde a média da taxa é 30% (como Estados Unidos, África e Europa).<sup>23</sup>

As normas de avistagem de baleias jubartes no Brasil foram definidas pelo Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (MMA) e pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).<sup>24</sup> Elas foram criadas em 1987, e ajustadas em 1990 e 2002, com objetivo de abranger todas as espécies de cetáceos e garantir a proteção adequada das mesmas.

De acordo com a Lei nº 7643, de 18 de dezembro de 1987 e o decreto nº 78, de 05 de abril de 1991:

Art. 2º - É vedado a embarcações que operem em águas jurisdicionais brasileiras: aproximar-se de qualquer espécie de baleia (cetáceos da Ordem Mysticeti; cachalote *Physeter macrocephalus*, e orca *Orcinus orca*) com motor engrenado a menos de 100m (cem metros) de distância do animal mais próximo, devendo o motor ser obrigatoriamente mantido em neutro, quando

---

<sup>20</sup> Quando se trata do encalhe da baleia, é necessário que haja um protocolo correto para lidar com o animal e permitir que se possa coletar material para estudo. João Brito Jr., coordenador do laboratório de mamíferos aquáticos, tratou desse assunto na transmissão de apresentação online do dia 02 de julho de 2020 pelo canal do PBJ, feita pelo Youtube. Disponível em <<https://cutt.ly/Fx28jHD>>. Acesso em 15 de novembro de 2020.

<sup>21</sup> Dados da Folha Vitoria. Disponível em <<http://tiny.cc/3xhtmz>>. Acesso em 10 abril 2020.

<sup>22</sup> De acordo com o entrevistado 02. Apesar de haver apenas três operadoras realizando as atividades, ele conta que já foram capacitadas 15 outras agências. Em 2021, o PAJ tinha parceria apenas com a Agência AVES Voando Alto, o que representou uma redução no número de agências parceiras, em relação a anos anteriores.

<sup>23</sup> Disponível em <<https://bit.ly/2Q5KNz1>> Acesso em: 10 nov. 2019

<sup>24</sup> Disponíveis em <<https://bit.ly/33DwbuS>> Acesso em: 11 nov 2019.

se tratar de baleia jubarte *Megaptera novaeangliae*, e desligado ou mantido em neutro, para as demais espécies;

Art. 3º - É vedada a prática de mergulho ou natação, com ou sem o auxílio de equipamentos, a uma distância inferior a 50m (cinquenta metros) de baleia de qualquer espécie.

Art. 5º - Para a operação de embarcações de turismo comercial no interior de Unidades de Conservação nas quais ocorrem regularmente a presença de cetáceos, é obrigatória a provisão, em caráter permanente, de informações interpretativas sobre tais animais e suas necessidades de conservação, aos turistas transportados até aquelas Unidades....

Uma observação pertinente que pode ser feita sobre o Artigo 2º é a diferenciação dos cetáceos da Ordem *Mysticeti*, na qual a baleia jubarte se encaixa. A distinção foi explicada por Torres (2016, p. 26) como fisiológica e classificatória, e se dá entre os cetáceos atuais: grandes baleias com barbatanas, os mistictetos; e os odontocetos, baleias com dentes que representam os pequenos cetáceos, que incluem a cachalote e os golfinhos. De acordo com essa autora, a diferenciação é importante pois “implica importantes diferenças classificatórias nas arenas ambientais internacionais, como a da Comissão Baleeira Internacional (CBI), cujo papel regulatório da caça ainda não inclui os pequenos cetáceos”.<sup>25</sup>

Os artigos da Lei nº 7643, de 18 de dezembro de 1987, acima reproduzidos, bem como outros não transcritos neste texto, foram formulados buscando um impacto mínimo nos animais, e, conforme o desenvolvimento de novas pesquisas, a literatura encontrada sugere que estas medidas precisam ser constantemente re-avaliadas e questionadas.

## **2.2. CONTROVÉRSIAS RELEVANTES SOBRE A HISTÓRIA DE CONSERVAÇÃO DA ESPÉCIE**

Apesar das mudanças descritas acima, decorrentes da proibição da caça às baleias e do turismo de observação desses animais, consideradas positivas pelos naturalistas, algumas controvérsias relevantes sobre este assunto foram tratadas por pesquisadoras/es da área. Este tópico da dissertação será focado nessas controvérsias para trazer uma perspectiva diferente das atividades tratadas neste capítulo, que é importante para entender de maneira completa a história da conservação das baleias jubartes. Numa tentativa de sintetizar o tópico, dado que não é o foco exclusivo desta dissertação, juntei as implicações no cenário internacional e

---

<sup>25</sup> Torres (2016, p. 26), nota de rodapé.

nacional. É importante ressaltar que nesse caso, faço referência à superbaleia, como descrita por Kalland (2009), em que tratamos de baleias como representantes de todas as espécies.

Comecei pela passagem do tempo da caça, predatória a partir da ontologia ambientalista, de diversas espécies de baleias, em que várias dessas sofreram o perigo de extinção para a proibição dessa atividade e a possibilidade de recuperação para diversas populações, baseando-me nas análises de Palazzo Jr. (1999) e (2011). Entretanto, o que não foi descrito no tópico anterior foram as pressões que os países baleeiros, ou seja, as nações que tinham a caça da baleia como grande parte da sua cultura e economia, e que se puseram contra essa proibição. Em contrapartida, diversos países, geralmente desenvolvidos, atuaram para que outros países, principalmente em desenvolvimento e que realizavam a caça de maneira expressiva, aceitassem as novas normas e definições do Comitê Internacional de Baleias, tentando defender seus interesses.

Assim, mesmo com pressões de ambos os lados, a criação de normas pela CIB não levou em consideração os contextos socioculturais dos diversos países afetados economicamente pelos novos acordos. Na visão do autor, os países deveriam ter a permissão de decidir e definir seu próprio caminho em relação ao manejo de baleias em seu território. Entretanto, é necessário ressaltar que Palazzo Jr. (2011) relata em seu livro os casos de corrupção e suborno entre países, costumeiramente envolvendo o Japão e outras nações menores ou com dificuldades econômicas, para que votassem a favor de sua posição. O Japão, um dos grandes países representativos da atividade, manteve a caça permitida apenas para fins científicos, o que, na opinião de alguns especialistas, seria apenas uma fachada para a caça de cerca de 300 a 400 indivíduos por ano. Essa situação mudou quando, em 2018, o país decidiu deixar a CIB e liberar a caça comercial de baleias depois de 30 anos com a prerrogativa de exclusividade para espécies com estoques abundantes.<sup>26 27</sup>

No caso do Brasil, que atualmente tem se posicionado de maneira modernista e conservacionista, também houve evidências de corrupção, conforme Palazzo Jr. (1999; 2011), durante o processo de criação do CIB e da proibição da caça às baleias. Durante o período em que a atividade ocorreu no país, empresas japonesas eram dominantes no mercado e se

---

<sup>26</sup> ILMER, A. As justificativas do Japão para liberar a caça de baleias após 30 anos de proibição. BBC, 07 de setembro de 2018. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45445039>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2021.

<sup>27</sup> Por que o Japão decidiu voltar a caçar baleias apesar de proibição internacional. BBB, 25 de dezembro de 2018. Disponível em <<https://cutt.ly/pkhcto0>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2021.



aproveitaram de regimes autoritários durante a ditadura, conseguindo manter a pressão e a exploração de baleias em território nacional. Com a entrada de regimes democráticos em 1984, o autor explica que as indústrias baleeiras japonesas sofreram dificuldades em manter seu domínio no território. É importante ressaltar que o Palazzo Jr. (1999; 2011) não defende a volta da caça às baleias, principalmente porque a atividade prejudicaria bastante os países em desenvolvimento que escolheram utilizar as baleias de maneira sustentável, como os que adotaram o turismo de avistamento como atividade essencial para a economia de seu país.

Outra controvérsia a ser brevemente detalhada aqui se refere às comunidades pesqueiras locais e tradicionais e o impacto que a proibição da caça predatória trouxe para estas. Apesar de parecer evidente que o fim da caça trouxe dificuldades para aqueles que a realizavam como subsistência e que as comunidades locais sofreram bastante com isso, há pesquisadoras/es que não acham tão simples a situação. É colocado que existem indícios de que, atualmente, as comunidades, com exceção de lugares específicos, estão deixando de ser tradicionais e exportando a carne, não apenas usando-a para subsistência, e usando métodos cruéis. Além disso, acredita-se que o Japão não consegue lucro apenas vendendo a carne e também precisa subsidiar a atividade, não sendo proibida a caça, considerada predatória pelos ambientalistas, de vez por motivos políticos.<sup>28</sup>

Outra crítica presente na discussão sobre pontos negativos resultantes da atividade liga-se às relações com as comunidades locais, pois, sem uma colaboração entre os agentes humanos e um manejo adequado, as operações podem causar mais prejuízos que benefícios para as populações locais. Um dos exemplos principais que podemos utilizar para trazer a discussão para o nosso trabalho, sobre o Espírito Santo, foi o tratado por Silva (2014), em sua exposição sobre o turismo de avistamento de baleias em Lajes, Açores, que também passou pela transição da caça para o ecoturismo; o autor indagou, por exemplo, sobre a sustentabilidade não-consumível das operações. Foi reportado que, em Açores, apesar da caça de baleias não gerar tanto lucro quanto o turismo, o turismo não gera uma distribuição justa entre a comunidade local e os donos de empresas. Essa desigualdade é problemática principalmente no caso de países em desenvolvimento (RUSCHSMAN, 2000) ou envolvendo comunidades tradicionais.

A concentração de renda não é a única mudança que pode prover das operações. Pode haver uma mudança na gestão dos recursos (assim tidos pelos naturalistas) que antes eram de livre

---

<sup>28</sup> Informações anotadas do Curso do IBJ realizado no dia 01 de dezembro de 2020.

acesso para pescadores e moradores, e que depois passam para as mãos de órgãos governamentais específicos e empresas privadas. As relações de poder são capazes de afetar as conexões mais intrínsecas das comunidades em que o ecoturismo se instala e podem causar conflitos sociais entre pescadores e empresas, e entre pescadores e moradores das comunidades, principalmente por desentendimentos e descumprimentos de normas. Portanto, acredita-se ser necessário que cientistas e ambientalistas envolvidos levem em consideração as práticas tradicionais das comunidades locais podendo auxiliar no manejo do ecossistema da região.<sup>29</sup> Essa preocupação aparece quando o assunto envolve comunidades locais e não-humanos cujas interações são repetidamente ignoradas e subjugadas às operações científicas (VASCONCELOS, SUSSELKIND, 2020), em busca de uma “objetividade” e neutralidade que geralmente são associadas às produções científicas.

Ao adentrar essas controvérsias no cenário internacional e nacional, entendemos as dificuldades de se planejar e organizar a atividade de turismo de avistamento de baleias no Brasil, principalmente levando em consideração a importância material-e-simbólica das baleias jubartes. Entretanto, pudemos ter uma noção de como esse trabalho é feito no Brasil, principalmente no Espírito Santo, por meio dos questionários e entrevistas, que serão analisados a seguir.

### **2.3. O TURISMO DE AVISTAMENTO (PRINCIPALMENTE) NO ESPÍRITO SANTO**

Dentre os principais fatores que são considerados no desenvolvimento do turismo de observação de baleias, o manejo da atividade, realizado em conjunto pelas operadoras de turismo da Grande Vitória e pelos institutos envolvidos com a conservação das baleias na região, deve ser detalhadamente compreendido. Para tanto, utilizei as informações obtidas nas entrevistas e nos questionários descritos abaixo.

Para facilitar o entendimento do perfil dos indivíduos que colaboraram com essa pesquisa por meio de questionário enviado por meio online, foi montado um quadro com as principais características de cada um. Os contatos foram conduzidos pela autora deste texto, nas datas especificadas no quadro, e o uso das mesmas ao longo do texto de qualificação não trará os

---

<sup>29</sup> Fala de Fernanda Terra, oceanógrafa com especialidade em ecologia e recursos naturais, na transmissão no Youtube do canal Oceanografia Ambiental em 15 de julho de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3LrYPjmsTa8>>. Acesso em: 19 de novembro de 2020.

nomes verdadeiros dos respondentes. Optamos pela adoção de codinomes compostos pela palavra “respondente” e um número para manter a privacidade das/os mesmos, conforme abaixo:

**Quadro 1** - Perfil das/os respondentes:

Codiname	Profissão/Formação	Data do contato	Meio do contato
Respondente 01	Diretor executivo de uma agência de turismo que realiza o passeio	07/04/2020	WhatsApp
Respondente 02	Bióloga e mestre em Ecologia	01/04/2020	E-mail
Respondente 03	Biólogo e mestre em Ecologia	11/04/2020	E-mail
Respondente 04	Bióloga e educadora ambiental	11/04/2020	WhatsApp
Respondente 05	Graduando em oceanografia	06/04/2020	E-mail
Respondente 06	Graduanda em oceanografia	07/04/2020	E-mail
Respondente 07	Sócia-fundadora de agência que realiza o passeio	05/04/2020	E-mail
Respondente 08	Sócia-fundadora de agência que realiza o passeio	05/04/2020	E-mail

**Fonte:** elaborado pela autora, abril de 2020.

Além dos contatos citados acima, foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com outros três profissionais envolvidas/os com as baleias jubartes, sendo dois representantes do PAJ e uma do IBJ, sendo todas gravadas e realizadas com apoio do Google Meet, plataforma online de uso síncrono, e com participação da orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Creado. O primeiro contato com o entrevistado 01, realizado em 26 de fevereiro de 2021, foi feito com um oceanógrafo, doutor em oceanografia biológica e atual professor da UFES, também atuante como

coordenador científico do Jubarte.lab, braço direito de pesquisas do PAJ. O entrevistado 02, indicado pelo primeiro, é coordenador executivo do PAJ e presidente do Instituto Canal, conversou com a autora em 05 de março de 2021. A entrevista 03 ocorreu no dia 09 de abril de 2021, com uma bióloga selecionada por meio do curso ministrado pelo IBJ de que participei, também educadora ambiental da sede do IBJ na Praia do Forte. Sendo importante mencionar que, apesar do foco no Espírito Santo, busquei representações dos dois maiores grupos envolvidos com a conservação das baleias jubartes no Brasil, para não somente elicitarem as perspectivas nacionais do trabalho feito pelos projetos, mas também permitir um certo comparativo de experiências.

A identificação das/os respondentes acima foi realizada a partir de quatro caminhos principais: (1) os contatos prévios da orientadora com profissionais e pesquisadoras/es ligados às baleias jubartes no Espírito Santo, constituídos a partir de suas pesquisas prévias sobre relações entre humanos e tartarugas marinhas, bem como de suas experiências de formação em cursos devotados à conservação marinha, entre os anos de 2017 e 2018; (2) os contatos realizados pela autora desta dissertação, a partir da realização de sua monografia de graduação; (3) os contatos realizados com autoras/es de material bibliográfico utilizado como fonte secundária da presente pesquisa, através da comunicação online; (4) indicações das/os próprias/os pesquisadoras/es entrevistados, conforme solicitado pela autora da dissertação, e de acordo com a sua proximidade com o turismo de avistamento.

Os questionários com os integrantes das agências de turismo (respondentes 1, 7, e 8) foram realizados através de pessoas atuantes em duas empresas localizadas na Grande Vitória. O roteiro com questões foi formulado buscando entender o funcionamento das operações dos avistamentos de baleias, a evolução dos números de turistas nas atividades e a satisfação de participantes, o cumprimento dos regulamentos e, por fim, a experiência pessoal do/a operador/a, que será aprofundada no próximo capítulo. Por causa de diferentes circunstâncias, esses contatos foram realizados em março e abril de 2020 por meio de trocas que se deram pelo intermédio da *internet*, por e-mail e pelo aplicativo de celular WhatsApp.

O entrevistado 02 contou que o PAJ surgiu da descoberta do potencial do Espírito Santo por meio de uma publicação científica, incentivando-o a realizar, em outubro de 2014, uma expedição com uma equipe em Santa Tereza, acompanhados de um repórter. Nessa ocasião, avistaram quase 80 baleias, comprovando que o estudo estava correto e se inicia aí uma proposta de debate acerca das baleias jubartes no estado. Ele conta que “me lembro da minha

sensação, me perguntava como o Espírito Santo não sabia disso?” E que a baleia jubarte é um ícone cultural, ambiental e científico para a conservação do oceano. A maior dificuldade, reportada por ele, era provar para o público que a ideia valia a pena, convencer a sociedade e o governo do estado. De 2014 a 2016, o trabalho foi feito com recursos do próprio entrevistado até a parceria com a empresa Vale S.A., a partir daí foi possível sistematizar o trabalho feito pelo/com o PAJ.

Acerca do trabalho feito com o turismo de avistamento de baleias, segundo os respondentes do ES, ambas as agências começaram a atividade em 2017, quando houve a primeira capacitação de empresas no ES. Antes do começo das viagens ou dos “safaris”, como referido pelo respondente 01, há um projeto de capacitação para a tripulação das embarcações e agências de turismo, onde informações importantes costumam ser repassadas, como sobre o comportamento das baleias e outros dados necessários.

Em seguida, de acordo com os respondentes 07 e 08, foi escolhida uma embarcação regularizada na Capitania dos Portos para a temporada e duas pessoas da agência de turismo foram designadas para acompanhar os turistas e participar da capacitação. As duas empresas divulgam as campanhas na internet, em redes sociais, e, conforme interessados nos avistamentos vão surgindo e confirmam a presença, os grupos de saída são formados. Há uma divulgação em suas redes sociais e plataformas virtuais, realizada por parte da PAJ, com a agência AVES Voando Alto, e do PBJ, também, como parte do combinado entre os órgãos. Antes da realização do passeio, os participantes ouvem uma palestra sobre educação ambiental e conservação, passo essencial para disseminar os ideais sustentáveis da atividade turística.

O passeio dura cerca de 6 horas, podendo demorar de 40 minutos até 2 horas de viagem até que comecem a avistar os primeiros grupos de baleias, com números de indivíduos variando conforme o período da temporada em que é realizada a viagem, podendo-se não avistar nenhum animal, entretanto, o avistamento parece ser perto de 100%.<sup>30</sup> Os animais que são mais avistados, além das baleias jubartes, de acordo com as/os abordadas/os, são os golfinhos e as tartarugas marinhas.

Em todas as saídas, há a presença de um guia especializado, o que é parte de um acordo entre agências de turismo e PAJ ou PBJ para direcionamento e orientação dos turistas, sendo assim,

---

<sup>30</sup> A entrevistada 03 conta que apesar de ser raro, acontece de sair de embarcação para pesquisa na região da Praia do Forte e não ver nenhum animal.

funciona como uma ajuda mútua e forma de compartilhamento de dados e informações pertinentes, o que está em acordo com o Artigo 5 da Lei nº 7643, mencionada anteriormente. Desta forma, há também uma possibilidade de verificação do cumprimento dos regulamentos sobre o turismo de avistamento. A importância da averiguação das operações é um elemento citado em todas as pesquisas sobre a sustentabilidade da atividade a que tive acesso (CISNEROS-MONTEMAYOR et al., 2010; PARSONS, 2012; FERNANDES, 2018). Segundo as mesmas fontes, para ser considerada como tal, a prática deve causar o mínimo possível de impactos negativos nos animais, para tanto as leis devem ser seguidas à risca. Novamente, ressaltamos que nem sempre a fiscalização no oceano é tão fácil de ser realizada na prática, como o entrevistado 02 nos relatou.

Isso se torna ainda mais necessário conforme a procura pela atividade aumenta a cada ano, como relatam os interlocutores das agências e os autores acessados (CISNEROS-MONTEMAYOR et al., 2010; PARSONS, 2012; FERNANDES, 2018). Acerca dos possíveis perigos que o turismo de avistamento pode causar à espécie envolvida, foi perguntado a eles se há algum risco para os animais avistados. De acordo com os respondentes 07 e 08, “segundo todas as orientações e cuidados necessários, não... Infelizmente nem todos possuem consciência ecológica e a melhor forma de evitar danos, é manter todos os envolvidos capacitados e regularizados, sempre com a fiscalização necessária.” E, para o respondente 01, “Nenhuma interação com o meio ambiente possui total ausência de riscos, mas seguindo as normas ambientais, o risco é controlado e tem-se o desenvolvimento sustentável”.

Os relatos convergiram com o que disseram os pesquisadores no II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias, de que participei em 2019.<sup>31</sup> De acordo com Felipe Ramaldes, diretor de turismo da Companhia de Vitória, as baleias têm potencial de se tornarem o “carro-chefe” do ecoturismo de Vitória, abrindo espaço para a exploração de outras cidades no litoral capixaba, mencionando planos para o turismo até 2025. Acerca dos riscos que o turismo de observação de baleias pode causar aos animais, Sérgio Cipolotti, coordenador de *whale watching* do IBJ, afirmou concordar com a posição de alguns dos abordados por mim de que os benefícios da atividade, se feita de forma responsável, ultrapassam as possíveis ameaças. As outras declarações relatadas vão ao encontro do que foi descrito por todos os outros especialistas e expressam altas expectativas da utilização das baleias jubartes como um recurso

---

<sup>31</sup> Ver apêndice VII.

mais valioso vivo, ferramenta educacional, a significar um grande potencial para as atividades de turismo de avistamento de baleias no Brasil e principalmente no Espírito Santo.

Com base nas informações analisadas neste capítulo, sobretudo pela relativa escassez (e dificuldade de acesso aos materiais publicados) de estudos em português sobre o assunto, pode ser concluído que há uma urgência de pesquisas empíricas sobre o turismo de avistamento de baleias, para compreender quais variáveis podem interferir no sucesso da atividade, seja no âmbito ambiental seja no socioeconômico. Por se tratar de uma atividade relativamente nova no Espírito Santo, se comparada com a situação na Bahia, ainda é mais difícil encontrar publicações sobre a atividade no estado e, apesar de Vitória ser mais mencionada no material encontrado, outras áreas no ES também realizam a mesma. Em 2004, Conceição da Barra já possuía 1,25% de significância geral da viabilidade para o desenvolvimento futuro do *whale watching* (CIPOLOTTI et al., 2005, *apud* BRUMATTI, 2008). Há planos para se instaurar a atividade em outros municípios como Anchieta e Guarapari, de acordo com o então secretário de turismo do Espírito Santo, Dorval Uliana, com aproximadamente cinco milhões de reais em investimento para o nicho de empreendimento de observação de baleias.<sup>32</sup> Em 2021, foi anunciado pelo perfil oficial do PAJ na plataforma Instagram<sup>33</sup> que, após uma reunião com a Secretaria de Turismo da Serra, o turismo de avistamento de baleias e golfinhos será realizado no município da Serra.<sup>34</sup>

No que diz respeito a essa forma de turismo realizada com as baleias jubartes, a produção tecnocientífica sobre o assunto também acusa uma necessidade internacional de se entender esse mercado, os interesses dos turistas e quais contextos podem afetar as viagens (LUSSEAU, HIGHAM, 2007). Outra urgência, segundo a mesma produção e suas/seus autoras/es, é o cumprimento dos regulamentos pois, mesmo com a inspeção de todas as viagens por algum membro do PBJ ou PAJ, casos de descumprimento das regras já foram relatados pelo IBJ (FERNANDES, ROSSI-SANTOS, 2018). Tendo em vista essa situação, há indícios encontrados em literaturas utilizadas nessa dissertação que indicam que outros modos de vigilância poderiam ser incrementados, possivelmente com medidas punitivas mais rígidas, para conseguir sanar as infrações. O Art. 2º da Lei 7.643, de 18 de dezembro de 1987, diz

---

<sup>32</sup> Essa informação foi retirada da fala do secretário numa transmissão ao vivo, de título “O Horizonte Turístico no Espírito Santo: A observação de baleias em foco”, para o canal ABJ, realizado em 20 de maio de 2020. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CAbCDN-jJf5/>>. Acesso em 12 de outubro de 2020.

<sup>33</sup> Plataforma acessível em: [www.instagram.com](http://www.instagram.com).

<sup>34</sup> Publicação no perfil oficial do PAJ no Instagram, em 18 de junho de 2021. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CQRAMsEhUix/>>. Acesso em: 03 de julho de 2021.

inclusive que “A infração ao disposto nesta Lei será punida com a pena de 2 (dois) a 5 (cinco) anos de reclusão e multa de 50 (cinquenta) a 100 (cem) Obrigações do Tesouro Nacional - OTN, com perda da embarcação em favor da União, em caso de reincidência”.

Apesar da dificuldade de se medir os impactos negativos do turismo de avistamento das baleias, devido às dificuldades logísticas de se estudar estes animais, diversas pesquisas foram realizadas no país em uma tentativa de medir e identificar as consequências do encontro dos animais com as embarcações, debate que será aprofundado no capítulo 3. Uma breve análise dos textos selecionados a respeito dos possíveis impactos negativos nos levou ao entendimento de que a proximidade de humanos com esses não-humanos é uma relação que tende a apresentar influência negativa nos animais.

O envolvimento dos moradores locais, citado anteriormente neste capítulo pelos pesquisadores, como indicador positivo do turismo de avistamento de baleias, foi apontado por outros autores como sendo essencial para a implementação das medidas de conservação (CISNEROS-MONTEMAYOR, 2010). Assim como defende Parsons (2012), parece ser um consenso entre os autores que as comunidades locais em que as operadoras trabalham devem ser beneficiadas com a atividade. Está mencionado no Guia de Observação de Baleias (2019), realizado pelo Projeto Baleia Jubarte, que os moradores locais podem ser treinados para se tornarem guias. No entanto, para os fins da presente pesquisa, não identificamos, de primeira mão, como isso se dá de fato para a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), onde atuam os agentes humanos contatados.

De qualquer forma, a respondente 04 afirmou que o turismo de observação de baleias cria empregos para as comunidades de pescadores e para o resto da região. A respondente 02, colaborando com o relato anterior, alegou que, quando a atividade é realizada a partir de uma base comunitária, pode gerar renda para tais coletividades. A importância deste aspecto de interação também foi citada constantemente no II Simpósio Latinoamericano de Turismo de Observação de Baleias, principalmente com foco no âmbito econômico.

#### **2.4. A IMPORTÂNCIA DOS TURISTAS**

Do ponto de vista de quem trabalha com avistamento de baleias, ou com a prática propriamente dita ou com estudos sobre o assunto, é essencial identificar os atrativos do turismo de



observação e as razões que levam os turistas a participar da atividade, o que pode ser realizado por pesquisas empíricas de satisfação. Isso significa questionar os participantes sobre os pontos positivos e negativos do passeio, investigar os efeitos do âmbito educacional e opiniões sobre a atividade. Mesmo que ainda incipientes, há estudos, como os discutidos a seguir, sobre as motivações dos turistas que participaram de tais experiências, e foram encontradas algumas afirmações que podem colaborar para reformular e repensar as medidas tomadas atualmente pelas agências e pelas operadoras.

As fontes bibliográficas que analisamos afirmam estar comprovado que, quando o turismo é feito de maneira “agressiva”, com tentativas de se aproximar das baleias e burlar as regras existentes sobre avistamentos, representando possível perigo aos animais, ele não resulta em maiores resultados de satisfação. Como sugere Orams (1999), em uma pesquisa realizada sobre o turismo na Austrália, a proximidade com as baleias jubartes não seria o principal da atividade, mas sim a própria espécie e os seus comportamentos. Outro estudo desenvolvido em 2003, com diversas espécies envolvidas no turismo de avistamento (PARSONS, RAWLES, 2003, *apud* HIGHAM, LUSSEAU, 2007), afirma que os valores culturais e ambientais são fatores que influenciam na decisão de se realizar o passeio ou não, o que significaria que indivíduos que partilham de valores ocidentais consideram a caça de baleias impensável e 91,4% não realizariam a atividade de avistamento em países em que as duas atividades ocorrem simultaneamente.

A educação ambiental, realizada antes e durante toda a atividade, parece aumentar a satisfação ou foi considerada uma das partes mais importantes da atividade, como o referenciado em Parsons (2012), cujo estudo focado nos impactos negativos do turismo de observação de baleias foi feito por meio de uma análise textual sobre o assunto em nível global. Os aspectos cognitivo e contextual geralmente vêm associados com a experiência social (GUIMARÃES et al., 2019) de ver uma baleia de perto, potencializando o impacto, promovendo reflexões sobre a proteção e a conservação da espécie e do ambiente, e possivelmente gerando uma sensibilização. Registramos que Guimarães et al. (2019) realizaram um estudo qualitativo sobre a exposição “Oceanos” no Museu da Vida, no Rio de Janeiro, com foco na educação ambiental e na reação dos participantes ao se encontrarem com os itens do oceano, concluindo, por meio da avaliação do teor das conversas, que o envolvimento emocional é um indicador positivo.

Acerca da capacidade social, mencionada em Guimarães et al. (2019), será tratada por nós aqui primeiramente sob a perspectiva dos respondentes dos questionários sobre os turistas e a

observação de baleias, sendo que não travamos contato direto, a contento, com os próprios turistas, nem via entrevista nem via a observação participante de suas experiências de avistamentos.<sup>35</sup> De acordo com o respondente 1, o interesse dos participantes no turismo de observação de baleias é mais ligado com seu sentido lúdico e funciona como uma realização de um sonho, tirando a crença de “só acredito vendo”, de forma a saírem do imaginário dos filmes e livros, e assim matar a curiosidade. Semelhantemente, o entrevistado 01 acredita que “nada substitui a experiência de ver baleias”. Já os respondentes 07 e 08, acreditam que o interesse está na experiência proporcionada pela atividade, com sensações diferenciadas. O entrevistado 02 acredita que a experiência do turismo de avistamento “transforma a pessoa”, “é um divisor de águas” e “a vida dela muda de verdade”.

Quando os turistas são moradores do próprio estado, eles têm como motivação conhecer o Espírito Santo melhor e incentivar a valorização das riquezas naturais do estado. A respondente 04 também declarou que as “jubartes” atraem mais investimentos para o estado e trazem um “novo olhar” para o oceano, principalmente para a costa capixaba.

---

<sup>35</sup> No entanto, durante a realização da monografia da autora em junho de 2018, realizei o avistamento de baleias jubartes por meio de uma embarcação. Em 2020, foi possível realizar outro passeio, seguindo as condutas de segurança devido ao risco do coronavírus, totalizando dois passeios com o intuito de ver baleias.



**Figura 1:** Cabeça de baleia jubarte para fora em passeio de avistamento de baleias. Fotografia da autora (2020).

Além de todas as motivações discutidas acima, outros fatores foram citados como positivos pelos respondentes. A respondente 02 relatou que, apesar dos aspectos negativos da atividade, é necessário levar em consideração os positivos também, principalmente a pressão que o *whale watching* realiza no cenário internacional para com as nações baleeiras, que possuem tradição de caça às baleias, demonstrando as potencialidades que as baleias possuem como recurso vivo.<sup>36</sup> Também mencionou que a atividade pode gerar empregos e renda para a comunidade local, quando é realizada a capacitação em uma base comunitária. O respondente 05 realçou a

---

<sup>36</sup> Entretanto, apesar da jubarte ter se tornado uma espécie cuja conservação é incentivada pelo crescimento do turismo de observação de baleias, nem todas as outras espécies ameaçadas pela caça predatória já recuperaram sua população (KALLAND, 2009).

importância da participação dos turistas no cumprimento das regras (não tocar nos animais, não jogar alimentos e líquidos no oceano).

A perspectiva dos turistas pode ser compreendida, de maneira superficial, também por meio da análise dos relatos encontrados em vídeos e textos publicados nos sites dos projetos envolvidos com a conservação das baleias jubartes no Espírito Santo. Para uma breve visualização das percepções, trabalhei primeiramente com as avaliações pertinentes na página eletrônica do Projeto Amigos da Jubarte.<sup>37</sup> Os comentários remetem à característica lúdica do avistamento (“meu sonho é ver baleia”), em que o turismo de observação traz os turistas mais próximos aos animais, um ponto mencionado também pelos respondentes dos questionários como uma das motivações por trás de se realizar o avistamento. Outros relatos (“Parabéns a todos que protegem esse animal tão encantador”) dizem respeito às definições que determinada parte do público tem das baleias jubartes, parcialmente causada pela construção, criada pelos ambientalistas, de resquícios da super baleia (KALLAND, 1993).

O fator educacional também aparece como variável que influencia positivamente o público geral, que parabeniza, em diversas notas (“Parabéns a todos vocês Amigos da Jubarte pela capacitação, pela conscientização da preservação”), o trabalho realizado com a espécie. Isso corrobora com o turismo de avistamento funcionando não apenas como ferramenta lúdica, mas como instrumento educacional (ALVARENGA, BARRETO, 2008).

Estas análises não contemplam a percepção de todas as pessoas interessadas nas atividades relacionadas, mas é um bom ponto de partida para a compreensão do aspecto social do turismo de avistamento de baleias, levando em consideração a escassez e a dificuldade de acesso às publicações realizadas sobre essa prática. Essa perspectiva pode ser confirmada pelo crescimento dos encontros indiretos entre seres humanos, seus artefatos e animais não-humanos através de meios de comunicação, como as redes sociais em que vídeos virais fornecem um fluxo constante de imagens e comentários sobre essas relações multiespecíficas (DOREN, KIRSEY, MUNSTER, 2016). No entanto, as percepções subjetivas dos turistas não foram o foco principal da dissertação, portanto realizei apenas essa breve imersão como um parâmetro geral.

---

<sup>37</sup> Todos os comentários utilizados aqui foram retirados da sessão de “Avaliações” da página de Facebook do Projeto Amigos da Jubarte. Disponível em <[https://www.facebook.com/pg/amigosdajubarte/reviews/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/amigosdajubarte/reviews/?ref=page_internal)>. Acesso em 08 maio de 2020.

\*

Tendo analisado a história do turismo de avistamento de baleias jubartes no Brasil, seus dados no Espírito Santo, como ocorrem as operações das agências e as perspectivas dos turistas pela visão dos respondentes e pelos aspectos afetivos presentes nas falas de cientistas que analisarei no capítulo seguinte, é possível afirmar que a produção científica requer novos estudos sobre os diferentes aspectos que surgem com a atividade. Este contexto é coberto de controvérsias e dificuldades de resolução, dada também a dificuldade de se estudar os cetáceos, por falta de investimentos no país ou pela logística, pela dificuldade de coletar dados e pelo acesso limitado aos objetos de estudo. Situação agravada, agora, em momento de plena pandemia da COVID-19.

As controvérsias sobre os benefícios versus os impactos negativos do turismo de observação de baleias perpassam, no cenário internacional e nacional, discussões entre dois principais agentes humanos, os ambientalistas e as nações caçadoras de baleias, sendo que os naturalistas acreditam que tais interesses conflitantes podem atrapalhar no desenvolvimento dessas pesquisas de maneira bem evidenciada (HIGHAM, LUSSEAU, 2007). Entretanto, independentemente das consequências negativas ou positivas da atividade, o presente capítulo não teve interesse em definir quais são as mais significativas e/ou relevantes, nem tampouco definir quais mudanças deverão ser feitas para que haja o aproveitamento máximo da atividade. O que pretendi foi realizar uma conversa sobre os diversos âmbitos do turismo de avistamento de baleias, discutindo as peculiaridades da conservação das jubartes vivendo em uma área de intenso tráfego de embarcações, como o Espírito Santo, assunto que será tratado no capítulo 3. A seguir, desenvolvo uma análise acerca das relações resultantes da aproximação entre a/o/s profissionais e as baleias jubartes por meio dos encontros diretos e indiretos, conforme relatado pelos mesmos em entrevistas, questionários e nas transmissões ao vivo.

### 3. CAPÍTULO 2: A subjetividade entre as baleias jubartes e as/os profissionais

A/O/s profissionais envolvidos com as baleias jubartes participam de processos de envolvimento e criação involuntários, resultantes dos encontros diretos e indiretos de que esses dois agentes participam; e que são complexos e perpassam os âmbitos socioculturais e biológicos. Não será possível adentrar muito nestes encontros na presente dissertação, sem uma extensa pesquisa de campo, entretanto, acredito ser possível aprofundar-me em tópicos mais importantes e descrever os principais resultados das interações entre a espécie e suas/seus pesquisadoras/es. Para tanto, este capítulo se apoiará principalmente em aspectos subjetivos encontrados nas falas de pesquisadoras/es em diversos canais (principalmente informais) como vídeos, transmissões ao vivo feitas pelo Youtube e Instagram,<sup>38</sup> cursos, entrevistas, questionários e palestras. Autores e autoras que trabalham as relações entre humanos e não-humanos, e os impactos dessas para o que se chama comumente de natureza, serão utilizados como base para analisar os fatores afetivos citados anteriormente.

Abordo primeiramente a caudal da jubarte como um símbolo importante na imagem para o capixaba, conforme a utilização recorrente da mesma em ícones; após, exponho a importância do encaixe para o/a/s profissionais envolvidos; em seguida, apresento as diferentes categorias percebidas nos materiais recolhidos e analisados, adentrando os significados de cada apelido determinado pelos pesquisadores envolvidos com as jubartes; então tratamos dos (re)encontros dos profissionais com indivíduos por meio da identificação do padrão de mancha em suas caudais, o que resultou em maneiras específicas de denominação e identificação.

Para entender as subjetividades descritas acima, me baseio principalmente na visão da infância por Milton (2002) como parte importante para a formação de um indivíduo com consciência ambiental e com afinidade pela natureza. Também me apoio nas reflexões de Haraway (2016) e Stengers (2015) sobre a responsabilidade e a capacidade de responsividade dos humanos para com sua convivência e existência com os mais-que-humanos. A agência dos não-humanos como percebida pelos pesquisadores envolvidos com esses também será detalhada neste capítulo por meio das reflexões de Despret (2013). Acerca da pretendida objetividade nas publicações científicas pelos pesquisadores e da subjetividade dos modos de comunicação mais informais, me baseio majoritariamente no estudo de Torres (2016) em seu acompanhamento

---

<sup>38</sup> Plataformas de redes sociais disponíveis respectivamente em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com), [www.instagram.com](http://www.instagram.com), acessos em 01 de setembro de 2021. Hyperlinks específicos sistematizadas no apêndice VI.

do trabalho feito na sede do IBJ em Caravelas, na Bahia, e de Sá (2006), em seu estudo com os primatólogos na Estação Biológica de Caratinga, em Minas Gerais.

### **3.1. O SURGIMENTO DA REPRESENTAÇÃO DA CONSERVAÇÃO DE BALEIAS: A CAUDAL DA JUBARTE**

As baleias jubartes são animais conhecidos pelos seus comportamentos aéreos e na superfície da água, considerados como um show para/pelas/os observadoras/es. Tais comportamentos são descritos no material Observação de Baleias na Bahia (2016). De acordo com ele, os comportamentos podem ser observados de um ponto fixo em terra ou por meio de embarcações, e, apesar de serem recordados frequentemente, são difíceis de estudar e entender por serem animais que passam a maior parte do tempo submersos. A cartilha descreve oito condutas da espécie: arqueamento, batida de cabeça, exposição da nadadeira peitoral, salto, exposição caudal durante o mergulho, caudal parada, batida caudal e espiar (ver também TORRES, 2016). Apesar do salto ser o mais comentado e esperado pelos turistas, gostaria de tratar de outras ações das jubartes que considero tão importantes quanto essa.





**Figura 2:** Batida de caudal de baleia jubarte capturada em um passeio de observação de baleias realizado em 2020 pelo grupo AVES. **Fonte:** Taty Sarmento (2020).



**Figura 3:** Caudal capturada em Vitória, ES, pelo PAJ. **Fonte:** Leonardo Merçon / Projeto Amigos da Jubarte.



As exposições de caudal durante o mergulho, caudal parada e batida de caudal são observadas pelos pesquisadores durante os passeios de observação de baleias. Não somente essa ação da jubarte pode ser vista em diversos outros contextos, tendo se tornado, a meu ver, um símbolo da conservação da espécie. Não é incomum ver campanhas conservacionistas ou órgãos relacionados com as baleias jubartes postando fotos com a caudal dos animais exposta. Também não é raro encontrar essa mesma forma de imagem em capa de projetos, como por exemplo, a logomarca do PAJ que é um coração formado pela caudal da espécie. Outra ocasião em que este comportamento foi o foco de atenção foi o II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias, cujo poster do evento consistia em uma imagem da caudal exposta na água. Além disso, a mesma situação ocorre em diversas outras imagens de destaque nos sites de órgãos envolvidos com a conservação e o turismo de observação de baleias jubartes.



**Figura 4:** Logomarca do PAJ. **Fonte:** Projeto Amigos da Jubarte / Jubarte.Lab.

Acredito, portanto, que a exposição da caudal e a caudal parada têm se tornado um dos símbolos das campanhas de conservação e do turismo de observação de baleias, como forma de demonstrar um dos comportamentos principais das jubartes e para chamar atenção do público para as imagens e as baleias. Não obstante, a caudal também é um elemento significativo para a identificação dos indivíduos. De acordo com a cartilha Observação de Baleias Jubarte (2016)

e o Guia de Observação de Baleias (2019), a fotoidentificação, feita pela foto da região ventral da nadadeira caudal de uma baleia, capta padrões de manchas pretas e brancas que são únicas de cada animal, além disso, o formato da nadadeira dorsal, cicatrizes e ferimentos são utilizados para identificação (TORRES, 2016; PORTELA, 2013), permitindo que um catálogo seja feito em âmbito mundial, colaborando para a coleta de informações gerais sobre as espécies. Um aspecto interessante sobre a utilização da fotoidentificação é que qualquer um que tenha fotografias como as descritas acima pode enviá-las ao PBJ ou colocar a foto em um dos sites de catálogo, participando também do trabalho de identificação.<sup>39</sup>

Neste aspecto, a caudal representa um ponto essencial para a pesquisa científica populacional e individual pois, como salienta Portela (2013), a capacidade de identificar esses animais em campo traz à tona a possibilidade de recolher informações valiosas sobre a biologia e as dinâmicas populacionais. A autora discorre sobre os benefícios da técnica, em substituição ao método de marcação e recaptura, em curto e longo prazo, a saber: informação sobre padrões de movimentação, tamanho e dinâmica populacional, composição de grupos e fidelidade a uma área específica onde pode ocorrer reincidência. A longo prazo, pode proporcionar informação sobre a história biológica de cada espécime e em alguns casos, sobre doenças e taxas de mortalidade.

Levando em consideração a importância dos comportamentos demonstrados pelas baleias jubartes, o que é possível compreender com a criação deste símbolo? Iremos nos basear nas reflexões de Milton (2002) sobre as representações da natureza e como pensamos sobre elas e seus animais. De acordo com a autora, as representações são essenciais para a comunicação de nossas ideias e noções acerca de determinado assunto, conceito que é muito utilizado por ambientalistas (mas também por cientistas sociais). Entretanto, é necessário levar em consideração que a interpretação depende do conhecimento de cada um da natureza e que a maioria das pessoas só entrou em contato com baleias por meios indiretos, como através do que é representado por cientistas, jornais e outros meios de comunicação.<sup>40</sup>

Outro assunto recorrente nos materiais consultados por mim, e que se associa a isso, é a importância da educação ambiental do público geral, e especialmente, das crianças. Isso pode ser relacionado com as anotações de Tsing (2010) sobre os cogumelos e fungos e a arte de

---

<sup>39</sup> Sites como o do Instituto de Pesquisa Marinha e Água Doce (<https://www.hafogvatn.is/en/research/whale-research/whale-photo-id>) ou o catálogo de baleias jubartes antártico (<https://www.flickr.com/photos/ahwc/collections/72157623423919294>) aceitam submissões de fotos das caudais para fotoidentificação de indivíduos. No contexto nacional, fotos das caudais de baleias jubartes podem ser enviadas para o endereço eletrônico ([fotoid@baleiajubarte.org.br](mailto:fotoid@baleiajubarte.org.br)) com o local, data e hora de registro.

<sup>40</sup> Nem todos os autores/as utilizados/as se baseiam em representações sociais. Mas acredito que esta é uma dimensão a se considerar nas relações entre humanos e animais não humanos.

perceber. Para a autora, ao notar determinados não-humanos, nos sentimos compilados a conhecer mais e, portanto, protegê-los. Esse ideal parece ser partilhado por alguns dos profissionais abordados na minha pesquisa: “As pessoas só protegem o que sabem que existe”,<sup>41</sup> e “só cuidam de fato daquilo que elas conhecem”, “nossa capacidade de proteger as baleias e o oceano dos impactos humanos é diretamente proporcional à nossa consciência sobre sua importância”<sup>42</sup>, “tem que conhecer para defender, se orgulhar”<sup>43</sup>. Então é necessário que as características da “jujuba”, termo usado pelos profissionais estudados e que será descrito no tópico seguinte, e a potencialidade do turismo de avistamento de baleias sejam expostas para todas/os.

E por que isso ocorre? Novamente podemos mencionar Milton (2002) e sua análise de como os ambientalistas e conservacionistas utilizariam o conhecimento e a emoção para afetar as pessoas. De acordo com a autora, elas/es tentam passar suas emoções em relação à natureza para o público geral por meio do conhecimento, pressupondo que este, por sua vez, geraria uma determinada emoção, impulsionando as pessoas a conhecer e a cuidar da natureza ou de animais específicos, como o que percebi nas campanhas de conservação de baleias jubartes. As maneiras para se fazer isso são diversas, por meio de vídeos, imagens, campanhas, documentários, *outdoors*, mas, é preciso que as formas de contar histórias e defender a causa sejam convincentes.

Como o citado anteriormente, trabalhar diretamente com crianças sobre a educação ambiental é outra ferramenta para impactar desde cedo o interesse no assunto, como o destacado por outros agentes humanos envolvidos: “sempre fui apaixonado pelo mar, dizia a minha mãe desde pequeno que iria trabalhar com isso”,<sup>44</sup> “sempre amei observar o mar quando era criança e adolescente”,<sup>45</sup> e diz que impulsiona o trabalho em escolas e com jovens, “as crianças são as que mais se empolgam”.<sup>46</sup> Colaborando com essas falas, o entrevistado 02 conta que pescava com o pai desde pequeno, sempre teve uma afinidade com a natureza, com bichos de estimação e sempre gostou do mar, “sempre fui apaixonado pelas baleias, curioso. Sempre tive no

---

<sup>41</sup> Fala de Leonardo Merçon, Diretor do Instituto Últimos Refúgios, no II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias. Ver apêndice VII.

<sup>42</sup> João Truda Palazzo Jr. no curso do IBJ de 01 de dezembro de 2020.

<sup>43</sup> Fala de Rafael Braga, fundador do Projeto Pegada e diretor da Eco Mares, no II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias. Ver apêndice VII.

<sup>44</sup> João Paulo Krajewski, fotógrafo e documentarista de natureza, na transmissão do ABJ no dia 03 de junho de 2020. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CA\\_EX3dDvT/](https://www.instagram.com/p/CA_EX3dDvT/)>. Acesso em: 06 de novembro de 2020.

<sup>45</sup> Respondente 04. Ver Quadro 1, Capítulo 1

<sup>46</sup> João Truda Palazzo Jr. no curso do IBJ de 01 de dezembro de 2020.

subconsciente”. Já a entrevistada 03 sempre soube que queria ser bióloga e também tinha muito contato com a natureza quando criança.<sup>47</sup>

Milton (2002) também elabora sobre o papel da infância e a presença da natureza na vida das pessoas, ocorrendo um processo cíclico: as pessoas começam a amar conforme conhecem as coisas, e conhecem as coisas conforme têm emoções fortes sobre elas. Tendo isso em mente, o trabalho feito nas escolas pelo PAJ e pelo PBJ são importantes em diversos âmbitos para a formação de uma nova geração preocupada com o ambiente; relatos da entrevistada 03 sobre a sede do PBJ em Praia do Forte relatam que este possui um programa de jovens monitores, de 16 a 20 anos, para assumirem o espaço do projeto no futuro e adquirir o conhecimento por meio de palestras, embarques, entrando em contato direto com a pesquisa e a atuação dos profissionais. Ademais, ela conta que o estágio é uma troca entre os alunos e o espaço. Entretanto, devido a pandemia, essas atividades, assim como outros eventos planejados, foram interrompidas e substituídas por *lives* (transmissões online ao vivo) e atividades remotas com os monitores, como contou a entrevistada 03.

---

<sup>47</sup> Ver o quadro I para visualização dos entrevistados e respondentes.



**Figura 6:** Cartilha educativa Baleia Jubarte para colorir feita para chamar atenção e ensinar as crianças sobre a espécie. Fonte: Projeto Baleia Jubarte [s.d].

Correlaciono a educação ambiental como ferramenta de convencimento do público em geral com as reflexões de Stengers (2015) acerca do conhecimento ambiental que alguns de nós, nesse caso cientistas, possuímos e qual a nossa responsabilidade para com os seres com quem convivemos e o ambiente que habitamos. A autora se refere majoritariamente aos efeitos do capitalismo e aos desastres que vieram com estes, em todas suas ramificações, cuja única maneira de tentar reverter seria por novas maneiras de pensar e agir, de responder. A responsividade depende dessa prática de conhecimento, científico e objetivo, mas que não consegue fugir dos âmbitos subjetivos e multiespecíficos. É o tipo de conhecimento que incomoda e insiste em projetos de recuperação, algo também proposto por Haraway (2016), e que acredito ser importante para tratar da situação contextual e histórica do tipo de caça que ameaçou de extinção historicamente as baleias jubartes.

### 3.2. O ENCALHE: O EMOCIONAL E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Outra oportunidade de educação ambiental envolvendo o público em geral foi citada durante as transmissões e ocorre quando uma baleia encalha.<sup>48</sup> Entendemos por encalhe, como descrito na cartilha educativa Resgate de mamíferos marinhos [s.d], feita pelo PBJ, quando uma baleia ou um golfinho chega à praia ou águas rasas e não consegue retornar para o mar sozinho, ou quando o animal é encontrado morto perto da costa. O evento é tratado com muito cuidado pelas/os pesquisadoras/es, por se tratar de uma situação complicada que requer a colaboração de diversas organizações e mobiliza o público, envolve muita emoção e é um momento bom para aprendizado, contando com a presença, quando possível, de um profissional específico para a educação ambiental. Apesar de se tratar de um acontecimento importante, é também delicado para os profissionais envolvidos, e vem acontecendo com mais frequência devido ao aumento populacional das baleias jubartes. É preciso fazer a remoção (que pode durar horas), podendo ser perigosa (houve casos em que o peso da baleia machucou alguns dos humanos), e controlar o emocional do público, que pode ter que lidar com o sofrimento do animal (ver também TORRES, 2016).

O encalhe foi detalhado por Adriana Colosio, médica veterinária e coordenadora do programa de resgate do IBJ, no curso realizado pelo instituto em 09 de junho de 2021 e de que participei. Ela relatou a delicadeza da situação, principalmente pela enorme carga emocional, em que o profissional precisa lidar com as pessoas envolvidas no processo, o sofrimento do animal e as burocracias. Deve-se agir com rapidez na tomada de decisões, especialmente quando a baleia encalha viva e é preciso decidir como melhor atender ao animal (se haverá reabilitação, resgate ou eutanásia) e, ao mesmo tempo, proteger a equipe e a população. Até o momento de escrita dessa dissertação, como relatado por Milton Marcondes, médico veterinário do IBJ, em 08 de junho de 2021, no mesmo curso citado anteriormente, houve 31 encalhes de baleias no Brasil, em 2021, um número considerado alto para a época do ano. Há uma rede de monitoramento de encalhes e informações de mamíferos aquáticos do Brasil (REMAB), criada em 2011, formada pela Rede de Encalhes de Mamíferos Aquáticos do Sudeste (REMASE) e outras redes com atuação regional, cuja função é incentivar a troca de informações entre as instituições que trabalham com mamíferos aquáticos no Brasil.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Informações retiradas da transmissão do PBJ no dia 02 de julho de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=eqVUXFoCYQQ>>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.

<sup>49</sup> Dados sobre a REMAB no site oficial do ICMBio. Disponível em <<https://www.icmbio.gov.br/cma/o-que-fazemos/monitoramento/remab.html>>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

Não é uma tarefa simples e, portanto, requer total dedicação dos profissionais. Torres (2016) também discorre sobre os sentimentos que podem vir a acompanhar a situação e a afetação dos pesquisadores durante o resgate de um animal vivo que contrasta com o sumiço da sua presença nas publicações científicas em prol de uma valorizada objetividade. A autora relata ter percebido as intensas emoções que dominam esse trabalho dos cientistas e que não aparecem no material publicado, “como se o comportamento do animal estivesse sendo neutro (ou “natural”) enquanto seu corpo é examinado” (TORRES, 2016, p. 42).

O esforço desses agentes em realizar uma remoção segura para não-humanos e humanos e coletar amostras da espécie geralmente liga-se a muitas emoções e muitos dilemas. É possível perceber essa afeição em algumas das falas observadas nas transmissões “Estou ansioso para estar com elas de novo”; “É com muito carinho que a gente fala desse projeto... Quando a gente trabalha com o que gosta”.<sup>50</sup> É entendido que, geralmente, os participantes que procuram entrar nas organizações de proteção e conservação de baleias jubartes têm grande interesse no assunto, especialmente por conta de tais engajamentos.

Em conclusão, é possível conectar a escolha da caudal para representar as baleias jubartes em algumas das campanhas com o conjunto de outras imagens dos comportamentos da espécie; todas são utilizadas para chamar a atenção do público em geral e simbolizar os chamados shows na água pelos quais esses animais são conhecidos, possibilitando a abertura de um canal de comunicação entre os pesquisadores e as outras pessoas humanas, podendo resultar em um interesse das mesmas pelas jubartes. Como Milton (2002) observa, o interesse é a principal emoção envolvida na produção do conhecimento.

### **3.3. AS “JUJUBAS” (QUASE) SEM FRONTEIRAS**

Neste item, levarei em consideração o processo de nomeação dos quase-sujeitos, quase-objetos, pelos primatólogos estudados por Sá (2006). As diferentes denominações podem ser afetivas ou não, e, para este autor, são os próprios animais não humanos que colaboram para a formação da visão que temos deles, delegando a pesquisadoras/es a função de os observar. O autor

---

<sup>50</sup> Fala de Sandro Firmino, coordenador do PBJ, na transmissão feita pelo Instagram do PAJ, na transmissão de título “O Horizonte Turístico no Espírito Santo: A observação de baleias em foco” feita no dia 20 de março de 2020. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CABCDN-jJf5/>>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.



acredita que uma das maneiras que os pesquisadores encontram para se aproximar de seus sujeitos-objetos é projetando características “humanas” neles, como por exemplo, nomeá-los com apelidos tipicamente humanos. A colaboração dos não-humanos com o entendimento que os cientistas têm deles pode ser pensada conforme a utilização do conceito de agenciamento por Despret (2013). A autora propõe que se estude os animais por meio da sua perspectiva, considerando-os como agentes. O que essa categoria significa para a autora? Por meio da mobilização de diferentes autores/as do humano e não-humano, Despret (2013) conclui que ao tratar os animais como sujeitos, ou seja, possuidores de uma agência, os agenciamentos funcionam como um fluxo de forças em que cada ser renderiza o outro como capaz de afetar e ser afetado, assim como o contrário também ocorre.

No caso das baleias jubartes, “baleias cantoras”, “baleias saltitantes” e denominações similares surgem diretamente dos comportamentos demonstrados pela espécie, característicos às jubartes. Estas criaturas não-humanas, conhecidas pelos shows acrobáticos que performam na superfície da água e pelas vocalizações que o macho da espécie realiza, determinam, pelas suas ações, de certa forma, como são conhecidos por pesquisadoras/es, outros profissionais, e conseqüentemente, pelo público em geral. Os nomes científicos tratados no capítulo 1, como espécie guarda-chuva e espécie sentinela, são tão importantes quanto os apelidos que trataremos neste capítulo, apesar de serem mais característicos de âmbitos formais.

Além das denominações citadas acima, o outro apelido mais frequentemente utilizado por pesquisadoras/es para se referir às baleias jubartes, é “jujuba”. A mascote do IBJ, que faz sucesso principalmente com o público mais jovem, ganhou esse mesmo nome. Majoritariamente utilizado pelos profissionais envolvidos com as baleias jubartes, o termo “jujuba” remete a uma maneira afetiva de se referir aos animais, e foi escutado principalmente em situações informais, como nas transmissões ao vivo e nos cursos on-line. Um termo de conotação afetiva anotado apenas uma vez no material coletado foi “jubartinha”, usado pelo respondente 09.<sup>51</sup> Na página de Instagram oficial da Secretaria de Turismo do Governo do Espírito Santo, podemos observar uma divulgação do início da temporada das baleias no litoral capixaba em que o slogan é “Você vai se sentir tão, mas tão próximo, que vai até chamar de Ju” sobre as baleias jubartes.<sup>52</sup>

Como Torres (2016) observa nas publicações científicas, o/a pesquisador/a, e conseqüentemente suas perspectivas pessoais e afetivas, são obliteradas pela busca da

---

<sup>51</sup>Ver Quadro 1, capítulo 1.

<sup>52</sup>Propaganda na página Descubra o Espírito Santo. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CQjklfvh6Eb/>>. Acesso em: 30 de junho de 2021.



objetividade e da neutralidade da/na escrita tecnocientífica. Sá (2006) também infere que há uma tentativa de neutralidade dos pesquisadores no que diz respeito à interferência no comportamento dos primatas que esses acompanham, numa presunção de que sua presença não será detectada pelos seus sujeitos-objetos. A impossibilidade da invisibilidade do pesquisador em campo vem, conforme o autor, de uma presença mutuamente percebida e quanto maior é a intenção de uma objetividade nas informações e dados, mais evidente ficam as relações subjetivas entre os primatas e primatólogos.

Em nossa análise das falas dos pesquisadores por canais de comunicação mais informais, assim como na fala dos interlocutores com que a autora teve contato, é possível identificar esses aspectos intersubjetivos dos encontros diretos e indiretos que os agentes tiveram com as baleias jubartes. Como veremos a seguir, entretanto, maneiras afetivas de nomeação das baleias jubartes não são as únicas recordadas nesses canais de comunicação relativamente mais informal.



**Figura 5:** A mascote jububa com crianças em uma escola. Fonte: Leonardo Merçon / Projeto Amigos da Jubarte (2020).

Espécies migratórias como a baleia jubarte, principalmente quando atividades turísticas relacionadas com o animal são realizadas em diferentes estados brasileiros e diferentes países,

estão presentes no cotidiano de diversas pessoas ao redor do mundo. Devido a isso, os profissionais envolvidos com esses animais adotam também denominações relacionadas às regiões em que o animal se encontra para o caracterizar. Como mencionamos anteriormente, a “jujuba” recebeu diversos nomes e denominações não científicos, com intensa carga afetiva, de profissionais envolvidas/os com a espécie.

Além de consideradas brasileiras, a população de jubartes que passa pelo Brasil também é mais conhecida em determinados estados do que em outros e, portanto, acabam ganhando características relativas aos locais de onde se fala e de onde se encontra. Tomamos como exemplo o Espírito Santo e a Bahia, que, por suas potencialidades discutidas previamente no capítulo 1, acabam por serem mencionados pela comunidade que alude à atividade turística de observação de baleias, convocando os turistas a relacionar as jubartes com seus territórios. Alguns dos “apelidos” são: “Salvador das Baleias”; “As Ilustres Baianas”; “Vitória, a capital das baleias”.

Em contraste com esses codinomes recebidos pela espécie e, como apontado por Sérgio Cipelotti,<sup>53</sup> outra maneira de caracterizar as baleias jubartes e, ao mesmo tempo, chamar a atenção para a presença das mesmas no país, é dizer que as baleias jubartes não tem fronteiras, devido ao seu caráter migratório, porém são brasileiras, devido aos meses reprodutivos em que a população frequentadora do Atlântico Sul Ocidental reside em águas nacionais. Encontramos esforços de demonstrar a presença das baleias jubartes no Espírito Santo pela fala do entrevistado 02, que os mencionou como importantes para o PAJ ser fundado.

É importante ressaltar novamente que esses termos foram observados em canais mais informais, como por vídeos, nas transmissões do IBJ, PBJ e PAJ, ou presencial e pessoalmente, no II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias. Nas publicações científicas, essas maneiras de se referir às baleias jubartes não são comumente encontradas, dando espaço para nomenclaturas oficiais e “mais científicas”. Importante lembrar que mesmo a utilização do termo “jujuba” aparece como um dos nomes do quadro das categorias-baleias de Torres (2016), para o caso dos pesquisadores e técnicos do IBJ em Caravelas, e igualmente aparenta ser característica da comunicação informal e pessoal. A autora discorre sobre as diferentes denominações como correlatas às perspectivas e categorias ontológicas relevantes para esses profissionais. Entretanto, acredito ser um mecanismo que pode ser utilizado pelos estados, aqui, sobretudo Bahia e Espírito Santo, que realizam a observação de baleias jubartes em práticas de turismo para conscientizar o público em geral da presença da espécie em sua

---

<sup>53</sup> Anotações do curso do IBJ no dia 03 de dezembro de 2020.

região e, ao mesmo tempo, pode ser utilizada também para criar uma imagem nacional da “jujuba”.

No tópico seguinte, ponderarei sobre a denominação de “queridinhas”, ouvida em curso online que fiz com o IBJ, ministrado por Milton Marcondes, diretor de pesquisa do instituto, em 02 de dezembro de 2020, e que evocava os reencontros com indivíduos baleias jubartes. Efetuarei simultaneamente uma mudança na escala da minha análise.

### **3.4. AS QUERIDINHAS DOS PESQUISADORES**

Diferentemente de animais de porte menor, que podem ser monitorados de perto e com um reconhecimento individual maior, as baleias são gigantes marinhas cujos tamanho e habitat dificultam este tipo de dinâmica entre os pesquisadores e os animais. Como descrito anteriormente no capítulo 2, uma das maneiras de reconhecimento dos indivíduos jubartes é por meio do padrão de manchas em sua caudal, única forma de reconhecer os animais independentemente de onde estes se encontram. Entretanto, apesar da raridade da ocasião, por vezes os pesquisadores encontram um indivíduo novamente depois de um tempo, seja por encalhe ou avistamento, e esses encontros podem gerar reações subjetivas específicas em pesquisadores, sendo que a nomeação de indivíduos será tratada neste tópico.

Algumas das baleias jubartes identificadas por pesquisadores depois de muito tempo recebem apelidos dos profissionais, assunto retratado por Marcondes no curso do IBJ, no dia 02 de dezembro de 2020.<sup>54</sup> Foram chamadas pelo diretor de pesquisa do IBJ como as queridinhas e ele considera que é sempre uma alegria ver baleias mais velhas conhecidas, que recebem seus próprios nomes como Durel, Wando, Eco, Tectonic e outros.

Um reencontro também foi narrado por Torres (2016) com Australiana, indivíduo reconhecido por um padrão de manchas raro na caudal de baleias jubartes na costa brasileira. A autora descreveu um dos envolvidos em sua pesquisa, denominado A.D, que possui uma tatuagem com o desenho do padrão ventral da caudal desta. No entanto, após inspeção do banco de dados de identificação das caudais das jubartes, foi descartado o (re)avistamento. Similarmente, a história de Camelo foi narrada pela autora: baleia jubarte macho que chamou a atenção dos tripulantes da embarcação por um ferimento grave no lugar da nadadeira dorsal e, por meio da

---

<sup>54</sup> Milton Marcondes, figura importante no IBJ de Caravelas. Por vezes, as falas dos atores tratados nesse estudo perpassam agentes importantes na Bahia e no Espírito Santo, especialmente pela participação do IBJ em ambos. É importante ressaltar que, além da mudança da escala, o PAJ e o PBJ são dois projetos separados e com atuações independentes.

fotoidentificação, o indivíduo foi reconhecido como o sendo o mesmo de um avistamento de 2007 e identificado pelo nome citado.

Torres (2016) desenvolveu a ideia de que a nomeação das baleias jubartes representa os deslocamentos dos objetos-sujeitos pelos pesquisadores dentre diferentes âmbitos, em uma criação do que a autora considera “híbridos”, termo de viés latouriano. Acerca dos sujeitos-objetos, Sá (2006) também descreve a nomeação dos muriquis pelos primatólogos, baseados nas experiências pessoais e memórias dos pesquisadores e sua percepção de características físicas e comportamentais peculiares de determinados animais. Para o autor, a escolha do nome de um indivíduo se trata do pontapé inicial para a relação intersubjetiva do primatólogo com os primatas, em que todos os animais presentes na área de estudo desses possuem nomes específicos. “A escolha do nome do filhote pressupõe que o pesquisador se relacione com ele, subjetivando-o” (SÁ, 2006, p.135).

Outros cetáceos cuja nomeação pelos humanos foi relatada por meio de uma perspectiva antropológica foram os botos da Bacia do Rio Tramandaí, no Rio Grande do Sul. Silva et al. (2021) descrevem a dinâmica peculiar desses animais com os pescadores em diferentes âmbitos da relação, principalmente o aspecto afetivo, em uma pesca considerada colaborativa entre os humanos e não-humanos. Os apelidos dados aos botos pelos membros da comunidade local, principalmente por aqueles envolvidos com a pesca artesanal, são utilizados cotidianamente e designados conforme as características morfológicas e comportamentais, como o nado e a comunicação com a prole. De maneira semelhante, Catão e Coutinho (2018) descrevem a pesca conjunta entre botos e pescadores em Laguna, Santa Catarina, relatando as especificidades da relação na região. As denominações dadas aos golfinhos que trabalham com os pescadores são dadas por estes, a saber de *botos* e *botas bons/boas*, e cada um deles possui características e nome próprio. De acordo com os autores, além de características morfológicas e comportamentais, momentos significativos na história dos animais podem facilitar a distinção entre as/os botas/os e, conseqüentemente, a própria atividade de pesca.

É possível também relacionar a identificação de determinados indivíduos da espécie por meio da teoria tratada por Borkeft (2011) explorando a nomeação de animais e as conseqüências desta forma mais básica de representação. O autor dissertou sobre as dinâmicas da relação entre os humanos e os animais, ressaltando a potencialidade do nome como um instrumento para mobilização dos humanos à ação. A nomeação dos não-humanos pode representar uma dominância entre os dois agentes envolvidos, pressupondo uma passividade por parte dos animais e uma responsabilidade dos humanos para com esses. Entretanto, focarei em outra possibilidade desenvolvida pelo autor, a da aproximação proveniente da nomeação ou o

distanciamento pela ausência desta, isso porque o nome pode trazer consigo uma visão do animal como indivíduo, mais “humanizado”, nos termos de Borkeft (2011), podendo significar a diferença entre a vida e a morte. Um exemplo disto, trazido pelo autor, foi de um golfinho em cativeiro, cujo apelido recebido mobilizou de certa forma o público a se importar com o seu bem estar e a sua saúde, assim como com o futuro do animal. Em contraposição, tratar animais por rótulos ou não lhes dar nomes é uma prática relativamente comum em laboratórios, para que haja um distanciamento dos profissionais de seus objetos e torne o trabalho mais fácil, principalmente quando se trata de animais cuja morte está predestinada. Entendo então que a nomeação dos animais é diretamente ligada, ao se levar em consideração os argumentos do autor, com o tipo de relação que se deseja ter com esses não-humanos.

Stengers (2015), da mesma forma, pode corroborar com a ideia de que nomear não significa dizer a verdade, apenas atribuir - nesse caso, às baleias jubartes, no caso da autora, à Gaia - um poder de nos fazer sentir e lembrar o que o nome suscita. A autora acredita ser uma prática que colabora de maneira efetiva, pois nomear ajudaria a pensar. Talvez nomear baleias jubartes ajude a inseri-las no pensamento do público e cultivá-las no dos pescadores.

### **3.5. AS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS E SEUS RESULTADOS**

Não faltam evidências dos entrelaçamentos entre os profissionais envolvidos, em todas as ramificações de pesquisa, com os avistamentos, com as baleias jubartes e outros não-humanos da vida marinha. As subjetividades resultantes de identificações e afetos entre os agentes estudados na pesquisa, que perpassam os encontros diretos e indiretos, são um dos elementos principais da conservação das chamadas baleias cantoras. Neste tópico, e para fechar o capítulo, serão priorizados aspectos ainda não detalhados nos materiais reunidos por mim nos últimos anos, demonstrando as diferentes perspectivas e os diferentes afetos resultantes do encontro entre o pesquisador e o seu sujeito-objeto.

O II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias, realizado em 2019, como citado anteriormente, tinha como foco principal discutir o potencial da atividade como ferramenta de conservação e como impulsionadora da economia de diversas regiões, elaborando maneiras de expandi-la, mas mantendo o seu aspecto sustentável. O painel de palestrantes, formado por profissionais de diversas áreas, buscava trazer informações concretas e científicas que pudessem auxiliar a desenvolver e incentivar tal atividade, educando os

participantes e os incentivando a se envolver, como estes têm feito, com a espécie.<sup>55</sup> Assim como nas falas dos cientistas nas transmissões ao vivo em diferentes canais relacionados às baleias jubartes, que trataram de diferentes assuntos durante o período de junho a novembro de 2020, quando as atividades de observação de baleias estavam paradas em função da pandemia causada pelo coronavírus, pude verificar que as falas dos pesquisadores era regada de uma proximidade afetiva. Apesar das operações terem retornado em agosto de 2020 com a implementação de um protocolo de segurança visando a segurança de turistas e operadoras/es, os vídeos continuaram sendo lançados por se tratar de uma maneira segura e eficaz de divulgar informações e manter o contato aberto com o público.<sup>56</sup>

O valor da atividade perpassa, para alguns pesquisadores, a materialidade pelo mero fato de que presenciar o animal pessoalmente “isso não tem preço”,<sup>57</sup> e a atividade parece, como mencionado pelos respondentes dos questionários tratados mais minuciosamente no capítulo 1, adquirir um caráter onírico, que “é impossível narrar por fotos ou relatos uma experiência com uma jubarte. Aquele frio na barriga, aquele arrepio na pele, tem que ir experienciar”.<sup>58</sup>

Mesmo com os pesquisadores realizando o passeio diversas vezes, de acordo com alguns deles, “todo passeio é uma surpresa”, isso porque “ela sempre surpreende” e os comportamentos das baleias jubartes, detalhados no começo do presente capítulo, não deixam de impactar de maneira significativa, geralmente acompanhando os momentos mais marcantes para os cientistas envolvidos.<sup>59</sup> De acordo Teo Magesck, “você ver um monte de saltos é esplêndido”; “outro dia marcante foi quando eu vi uma mãe com filhote ensinando-o a pular. A mãe saltava e ele imitava, ela fazia um movimento e ele seguia” (...), “vimos 150 a 200 saltos, pra mim foi muito marcante”.<sup>60</sup>

<sup>55</sup> Veja também Apêndices V e VII, onde outros apontamentos relativos ao Simpósio estão sumarizados.

<sup>56</sup> Ver apêndice VI, com uma lista das transmissões que acompanhei.

<sup>57</sup> Fala de Sérgio Cipolotti no II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias. Ver apêndice V.

<sup>58</sup> Fala de Thiago Ferrari na transmissão ao vivo pelo Instagram do Amigos da Jubarte em 21 de agosto de 2020, de título “Retorno responsável do Turismo de Observação de Baleias no ES em 2020”. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CEKm\\_KajLh7/](https://www.instagram.com/p/CEKm_KajLh7/)>. Acesso em: 21 de agosto de 2021.

<sup>59</sup> Fala de Marina Leite na transmissão ao vivo pelo Instagram do Amigos da Jubarte no dia 21 de julho de 2020, de título “O Monitoramento de Ponto Fixo”. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CC9P3CIjsgI/>> e <<https://www.instagram.com/p/CC9THVsDtRp/>>. Acesso em: 19 de novembro de 2020.

<sup>60</sup> Fala do dono da agência Aves Voando Alto na transmissão ao vivo pelo Instagram do Amigos da Jubarte no dia 21 de agosto de 2020, de título “Retorno responsável do Turismo de Observação de Baleias no ES em 2020”. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CEKm\\_KajLh7/](https://www.instagram.com/p/CEKm_KajLh7/)>. Acesso em: 19 de novembro de 2020.

A antropomorfização das baleias jubartes, talvez, resulte dessa proximidade e afetividade. Os entrelaçamentos entre os agentes ficam mais aparentes nas falas dos cientistas<sup>61</sup> do que nos textos, como a seguir: “Baleia é que nem a gente, às vezes elas não estão num dia bom” e “entender o que as baleias estão falando” acerca do seu canto e da sua ligação com o seu habitat também emerge aqui “Um mar vazio é um mar sem alma”.<sup>62</sup> E “ter um oceano repleto de baleias é bom para todo mundo”. Os esforços da recuperação populacional das baleias jubartes e a preservação do oceano estão tão conectados com o trabalho dos ambientalistas, cientistas e pesquisadores, que acredito não poderem ser bem compreendidos se separados. Nas falas de Enrico Malcovaldi, “Esse é o resultado da nossa vitória”.<sup>63</sup>

\*

Os estudos e as iniciativas envolvendo indivíduos mais-que-humanos, como as baleias jubartes, geram tipos de relações multiespécies complexas entre os pesquisadores e os animais que perpassam o âmbito científico, que busca ser objetivo ou neutro, e transbordam, principalmente pelas falas, para a vida pessoal de cientistas, e outras/os profissionais, enrolados nesses emaranhados, como procurei trazer a partir dos materiais que acessei, os mais variados, incluindo também os conteúdos científicos encontrados sobre o turismo de avistamento de baleias.

Práticas-e-pensamentos em favor das baleias jubartes, e seus companheiros humanos, descritos ao longo do texto, a partir das respostas aos questionários e às entrevistas, no simpósio e nas transmissões, trouxe uma combinação de dados científicos com relatos pessoais, convergindo com os conceitos de criar-com e tornar-se-com diversas criaturas desenvolvidos por Haraway (2016). A autora frisa a importância de se contar histórias e se envolver com as criaturas historicamente situadas, para que seja possível pensar em novas formas de responder às ameaças e coproduzir novas resistências, desenvolvendo um mundo mais habitável. Esse não virá sem pontos negativos, como riscos e perigos, porém também estará acompanhado de pontos positivos, como as alegrias, exemplificadas pela autora.

---

<sup>61</sup> Respondente 09. Ver quadro 1, capítulo 1.

<sup>62</sup> Fala de Liliâne Lodi na transmissão do PBJ de título “Baleias Urbanas” em 17 de junho de 2020. Disponível em <[youtube.com/watch?v=iz6wey6fQHM](https://www.youtube.com/watch?v=iz6wey6fQHM)>. Acesso em: 29 de julho de 2020.

<sup>63</sup> Fala de Enrico Malcovaldi na transmissão do PBJ de título “Baleias Urbanas” em 17 de junho de 2020. Disponível em <[youtube.com/watch?v=iz6wey6fQHM](https://www.youtube.com/watch?v=iz6wey6fQHM)>. Acesso em: 29 de julho de 2020.

A emergência das baleias jubartes por parte dos cientistas em prol da conservação da espécie pode fazer com que esses agentes se tornem capazes (HARAWAY, 2016) de elaborar novas perspectivas de florescimento e produções de sentidos (STENGERS, 2015) sobre o que acontece com as jubartes. Considerando que a conservação da espécie parece ser o esforço central que incentiva seus trabalhos, os afetos e as identificações podem e são utilizados em uma combinação de objetividade e subjetividade para educar, conscientizar e convencer o público da defesa das baleias jubartes. Como o apontado anteriormente por mim, em estudo anterior:

“Pensa-se que isto facilita, no âmbito de proteção e produção tecnocientífica, um entendimento melhor de seus objetos de pesquisa, com descrições mais confiáveis que levariam, por fim, à formulação de propostas e questões importantes sobre a saúde e a coexistência com estes mais-que-humanos” (TAKEUCHI, 2018, p. 39).



#### **4. CAPÍTULO 3: As cantoras metropolitanas e alguns parceiros (in)desejados**

O grande tráfego de embarcações acerca das baleias jubartes, espécie cosmopolita, habitante de todos os oceanos, em trajetos similares ao que a espécie faz em sua migração pela costa brasileira, pode representar uma ameaça considerável à saúde delas. Os efeitos, diretos e indiretos, temporários ou permanentes, são de difícil detecção e estudo, dificultando o trabalho de pesquisadoras/es em determinar estratégias para evitá-los bem como mesmo para estudar seus efeitos nos cetáceos.

Neste capítulo, discuto as informações coletadas no material selecionado sobre os impactos negativos decorrentes do crescente tráfego de embarcações no Brasil com foco nas suas consequências para as baleias jubartes e nas complicações encontradas para realização eficaz desse tipo de estudo no Espírito Santo. Em seguida, discorro sobre as vocalizações das baleias jubartes, habilidade peculiar do macho da espécie que se configura como importante símbolo n/da pesquisa sobre o entendimento da espécie, porém que se encontra em possível ameaça pela poluição sonora causada por embarcações e outras estruturas antrópicas localizadas no mar.

Discuto também as implicações subjetivas que as canções da espécie causam em alguns dos seus ouvintes mais fervorosos, por meio do processo de uma criação conjunta baseada nas conceitualizações de Haraway (2016) e Despret (2013). Finalizo trazendo as possíveis estratégias que podem ser elaboradas por organizações e adotadas por empresas, ou por barcos e embarcações menores, para mitigar os efeitos negativos tanto nas baleias jubartes quanto em outros animais existentes nas áreas de grande tráfego de embarcações. Apoiada nas discussões de Tsing (2010) sobre as interferências humanas nos ambientes e nas vidas dos não-humanos sendo estudados, como uma forma de perturbação guiada, trataremos das possibilidades de coexistência de múltiplos seres.

##### **4.1. O TRÁFEGO DE EMBARCAÇÕES E SEUS IMPACTOS NEGATIVOS**

A presença de portos representa uma maior concentração e circulação de embarcações, o que poderia potencialmente significar uma ameaça maior às baleias jubartes, mesmo que os arredores dos portos não sejam considerados áreas de risco por Martins (2013). A estrutura portuária do Espírito Santo conta com 19 terminais, públicos e privados, pode representar riscos

para as baleias jubartes durante sua passagem pelo estado. Escrevo este capítulo sem visar exaurir a literatura sobre o assunto, mas aprofundar a discussão sobre os diferentes impactos e consequências da presença antropogênica nos oceanos.



**Figura 6:** Avistamento de baleia com filhote, em embarcação seguindo protocolos de avistamento, ao fundo navios esperando para aportar em grande porto de Vitória. Fonte: Eliana Creado (2018).

Para a melhor visualização do material bibliográfico por mim analisado, e dos possíveis impactos do grande número de embarcações circulando no país, realizei quadro inspirado em Parsons (2012) sobre os dados recolhidos na pesquisa bibliográfica desse autor, e que possui o foco nas baleias jubartes no Brasil e em suas relações com embarcações.<sup>64</sup>

**Quadro 2** – Possíveis impactos negativos decorrentes do tráfego de embarcações em baleias jubartes no Brasil:

---

<sup>64</sup> São embarcações consideradas ameaças às baleias jubartes e mencionadas nas publicações analisadas: cargueiros, barcos de pesca, navios de cruzeiro, recreativos, petroleiros, iates e barcos à vela.

Impactos negativos decorrentes do encontro com embarcações	Autores	Ano	Local
Lixo químico e físico	ICMBio	2011	Não há especificação de local no Brasil
	Caldas, C.	2003	
Emaranhamento em redes	Caldas, C.	2003	Não há especificação de local no Brasil
Risco de colisão	Engel, H. M., Fernandes, L., Cipolotti, S.	2016	Bahia
	Zappes et al.	2013	Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul
	Martins et al.	2013	Bahia e Espírito Santo
	Dienstmann, E.	2015	Bahia e Espírito Santo
Poluição sonora	Sousa-Lima, R. S. e Clark, C. W.	2008	Abrolhos, Bahia
	Engel et al.	2004	Abrolhos, Bahia
	Caldas, C.	2003	Não há especificação de local no Brasil
	Rossi-Santos, M.	2015	De Itacaré, Bahia à Aracaju, Sergipe
	Silvano, B.	2017	Santa Catarina

**Fonte:** Elaborado pela autora em Abril de 2020, com base em Parsons (2012).

O local, especificado no Quadro 2, trata de onde as pesquisas foram realizadas. Algumas delas tratam do cenário nacional como um todo e outras tem foco na Bahia, local onde as pesquisas e atividades relacionadas ocorrem há mais tempo no país, desde a instalação do IBJ naquele estado. É possível notar que, apesar da presente da minha pesquisa ter foco no Espírito Santo, o estado é pouco mencionado na maioria das publicações encontradas, pelo menos até o momento de fechamento do texto de dissertação. A escassez de publicações científicas no ES

ocorre em razão do trabalho que, apesar de crescente, ainda é incipiente sobre os possíveis impactos sofridos pela espécie e, por vezes, não se encontram publicações científicas sobre o assunto.

O lixo gerado pelas embarcações, seja ele químico ou físico, além de ser uma ameaça para o meio ambiente, é um fator de grande risco para várias espécies, inclusive a baleia jubarte, que pode sofrer enforcamento, afogamento ou ingestão (ICMBio, 2011). Um ponto importante, relacionado também com a poluição sonora, são as áreas de exploração de óleo (MARTINS et al., 2013; CALDAS, 2003), podendo haver o derramamento acidental, o que acarretaria problemas sérios na saúde dos animais. Esse é um dos problemas pouco citados dentro dos aspectos negativos do turismo de observação de baleias, entretanto, é possível inferir a sua presença, devido à necessidade de combustível para as embarcações, e do lixo que pode ser jogado diretamente no mar pelos turistas realizando o avistamento. Mesmo quando não relacionada às embarcações, a poluição marinha é um possível agravante à saúde de quase 660 espécies desse habitat, como o mencionado em transmissão do PAJ feita pelo Instagram em 17 de junho de 2020, por Fernandes, oceanógrafa e ambientalista.

Caldas (2003) cita uma das ameaças menos mencionadas nas publicações científicas analisadas, porém tão prejudicial quanto as outras, o emaranhamento acidental de baleias em redes de pesca. A autora relata que, mesmo que geralmente o animal consiga se soltar e apenas sofra machucados leves, pode gerar um alto prejuízo para o pescador. Nota-se também que Caldas (2003) menciona a existência de um caso fatal envolvendo o emaranhamento com redes e um filhote de baleia jubarte, representando uma ameaça significativa para a espécie e demonstrando uma urgência de pesquisas empíricas acerca do assunto. O entrevistado 01 mencionou uma baleia jubarte que se enroscou com uma rede de pesca e perdeu uma nadadeira.<sup>65</sup>

Dentre os cetáceos, a espécie baleia jubarte é a mais avistada pela atividade de turismo de avistamento por sua velocidade de nado menor se comparada a outras espécies, além de ser caracterizada por pesquisadores como “curiosa” e permanecer mais tempo na superfície da água, podendo ser avistada próxima à costa, ficando mais exposta ao risco de colisão com embarcações. Isto é averiguado no Guia de Observação de Baleias na Bahia (2019), escrito por Engel, Fernandes e Cipolotti para o Projeto Baleia Jubarte. Além disso, pescadores também

---

<sup>65</sup> Sobre os entrevistados e os respondentes do questionário, favor consultar o quadro 1, capítulo 1.

relataram que a jubarte gosta de dormir na superfície, mais um agravante para a probabilidade de acidente. Entendemos a colisão como “impacto forçado entre qualquer parte de uma embarcação, mais frequentemente o arco ou hélice, com um cetáceo vivo” (WAEREBEEK et al., 2007, p. 44).<sup>66</sup> Há certas dificuldades no estudo das colisões com as baleias jubartes de maneira internacional: com muitos casos não percebidos por navegadores e os casos não relatados, por medo de receber punições (CATES, 2017; JENSEN e SILBER, 2004; ZAPPES et al., 2013), o que dificulta a determinação de mortalidade ou feridas na espécie.<sup>67</sup>

A vulnerabilidade das baleias jubartes às colisões com diversos tipos de embarcações no Brasil é um assunto tratado em diversas das publicações analisadas aqui, pela proximidade da sua maior área de ocupação no país com espaços urbanos (ZAPPES et al., 2013). Autoras/es colocam que a pesquisa científica se faz extremamente importante nesse contexto, principalmente para definição de áreas de risco para a população brasileira de baleias jubartes. Essa tarefa foi realizada por Martins et al. (2013) no leste da costa do Brasil, identificando o nível das ameaças em áreas ocupadas pela espécie, conforme as atividades antropogênicas presentes, como o grande tráfego de embarcações e a exploração de gás e óleo. Para os autores, Vitória foi considerada como risco médio, por combinar áreas de perigo com áreas protegidas; entretanto Dienstmann (2015), que se propõe a realizar uma pesquisa acerca da densidade de baleias jubartes e o tráfego de embarcações pela costa da Bahia e do Espírito Santo, considera Vitória como área de risco alto pela proximidade de portos. Castro et al. (2014) também realizaram uma análise das MPA (*Marine Protected Areas*) perpassando Conceição da Barra, Espírito Santo, até Nova Viçosa e Barra Grande, Bahia, e averiguou se estas contemplavam áreas utilizadas pelas baleias jubartes. De acordo com os autores, há uma proteção limitada nesses espaços.<sup>68</sup> É preciso mencionar que os três fatores de risco citados acima (poluição, emaranhamento acidental em redes de pesca e colisão) foram citados pelos médicos veterinários no curso realizado pelo IBJ em 08 e 09 de junho de 2021 e na cartilha Resgate de mamíferos marinhos [s.d] do PBJ como possíveis causas de encalhe de baleias.

Há diversos fatores que podem influenciar, além da quantidade de embarcações, como o tamanho e a velocidade das embarcações (SOUSA-LIMA e CLARK, 2008; CALDAS, 2003),

---

<sup>66</sup> Tradução livre da autora.

<sup>67</sup> Jensen e Silber (2004) notam que, no contexto internacional, embarcações federais são mais prováveis de relatar colisões com baleias.

<sup>68</sup> Nota-se que ambos textos são de pelo menos 5 anos atrás, e eu não encontrei publicações científicas mais recentes realizando esse tipo de análise.

que precisam ser estudados para a determinação das estratégias para mitigação das consequências. As embarcações grandes, apesar de serem uma ameaça significativa e foco da maioria das publicações analisadas neste capítulo, não são as únicas. Acidentes com barcos de pesca artesanal também foram relatados por Zappes et al. (2013) em sua pesquisa, entrevistando 215 pescadores no período de 2005 à 2010, sendo um dos poucos estudos em que o Espírito Santo é mencionado, com participação de Barra do Riacho, Aracruz, município ao norte de Vitória. Os pescadores têm explorado as áreas costeiras em conjunto com a presença de diversos cetáceos por muitos anos e, por isso, acidentes podem ocorrer. Estes podem ser prejudiciais não somente para as baleias jubartes, pois geralmente podem causar danos aos barcos, gerando prejuízo para o navegador ou causar perigo à vida dos tripulantes.

Acerca do estado do Espírito Santo, o PAJ tem realizado um monitoramento acerca dos possíveis impactos sofridos pela espécie devido ao tráfego de embarcações, entretanto, por ainda ser um trabalho incipiente, não há publicações científicas disponíveis para acesso. Apesar disso, os acidentes envolvendo embarcações no estado são inspecionados pelo Projeto de Monitoramento do Tráfego de Embarcações, realizado pela Petrobras para atender à condicionante nº 2.19 da licença de operação nº 0823/2009.<sup>69</sup> Esta foi mencionada pelo entrevistado 01 como exigência para o funcionamento do porto (principalmente o Porto de Tubarão em Vitória) para monitorar qual seria a afetação das grandes embarcações nas baleias jubartes.

Os impactos negativos do turismo de avistamento aparentam ser, de acordo com as falas e pesquisas analisadas anteriormente, imprevisíveis e inevitáveis. Em comparação com barcos de pesca, Zappes et al. (2013) observam que as embarcações de turismo não possuem rota definida, podendo representar outra condicionante perigosa para as baleias jubartes. Entretanto, os esforços de cientistas e profissionais envolvidas/os com a atividade tendem à uma característica comum de interdependência entre espécies, que, por vezes, necessita da presença das embarcações. Por outro lado, o drone monitoramento tem surgido como uma alternativa viável e menos intrusiva para a pesquisa. Como mencionado pelo entrevistado 01, desde 2020, o Jubarte.lab, braço científico do PAJ, tem conseguido trabalhar com o drone para monitorar as baleias jubartes. O método também foi citado por Amanda de Giacomo, também

---

<sup>69</sup> Dados retirados do site Comunica Espírito Santo, licenciado pelo IBAMA. Disponível em <<https://www.comunicaespiritosanto.com.br/programa-ambiental/projeto-de-monitoramento-do-trafego-de-embarcacoes-na-unidade-de-operacoes-de-exploracao-e-producao-do-espírito-santo-pmte-es.html>>. Acesso em 31 de março de 2021.

pesquisadora do Jubarte.lab, como uma alternativa relativamente barata e com pouca intervenção no comportamento da espécie, apesar de ter seus limites.<sup>70</sup> Colosio, médica veterinária e coordenadora do programa de resgate do IBJ, também mencionou a utilização do drone para auxiliar os profissionais durante o evento de um encalhe de baleia jubarte, visto as diversas situações adversas que esses podem encontrar em campo durante o resgate ou a necrópsia.<sup>71</sup>



**Figura 7** - Cartilha educativa Baleia Jubarte para colorir, com desenho da anatomia do animal e barco com turistas realizando o avistamento. Fonte: Projeto Baleia Jubarte [s.d].

A partir da Antropologia, Tsing (2010), escrevendo sobre a relação com os cogumelos e os seus apreciadores, em dois contextos etnográficos distintos, EUA e Japão, propôs que, na tentativa de uma convivência sustentável entre humanos e não-humanos, a preservação não deveria significar ausência de alterações na natureza, mas sim uma perturbação guiada.

<sup>70</sup> Transmissão “Jubartes e Francas: as primas do oceano” pelo Instagram do PAJ no dia 10 de maio de 2020. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CAtDaCoj1\\_g/](https://www.instagram.com/p/CAtDaCoj1_g/)>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

<sup>71</sup> Fala retirada do curso realizado pelo IBJ em 09 de junho de 2021, cujo assunto foi resgate e eutanásia de baleias.

Pensando nos agentes aqui abordados que trabalham com/através do avistamento de baleias jubartes, que também dependem das embarcações, esta forma de interação só pode ocorrer por meio de um conhecimento “adequado”, ponto a ser debatido dentro dos textos acerca dos conhecimentos científico e tradicional, e a serem repassados pela comunidade científica para o público geral, por meio da educação ambiental.

As ameaças descritas têm potencial de causar danos à saúde das jubartes, podendo resultar em óbito ou machucar a espécie e, portanto, é necessário identificá-los para pensar estratégias para evitá-los. Todos os efeitos podem ser classificados como de curto ou longo prazo, sendo os últimos mais difíceis de medir, podendo ser invisíveis, o que não significa que a ausência de uma consequência observável não cause danos aos animais, como relata Parsons (2012, p. 5).

Parsons (2012) elaborou diversas questões pertinentes para se pensar sobre a sustentabilidade do turismo de avistamento realizado no mundo e, para o Brasil, podemos utilizar algumas delas para pensar o status do turismo de avistamento no Espírito Santo: “Os mamíferos marinhos estão exibindo mudanças de comportamento? [...] Os operadores do turismo de mamíferos marinhos estão bem informados sobre os animais e a cultura local? Eles são bons provedores de educação? O turismo de mamíferos marinhos beneficia a comunidade local?”<sup>72</sup> Sousa-Lima e Clark (2008), ao investigar o tráfego de barcos em Abrolhos, elaboram que a sustentabilidade do turismo de avistamento está diretamente ligada com a manutenção do número de turistas realizando o passeio próximo da capacidade de carga, conceito descrito no capítulo 1, da frota do lugar.

Conforme analisado anteriormente, nas entrevistas e nas fontes secundárias, o turismo no Espírito Santo aparenta seguir todas essas indicações como tentativa de causar o mínimo de danos possíveis. Esta situação condiz com as propostas de produção científica, de proteção *in loco*, com as ações de comunicação, sensibilização e educação ambiental, e a capacitação de comunidades para o turismo ecológico desempenhadas no Espírito Santo, identificadas até o presente momento, e desempenhadas pelas operadoras e pelos pesquisadores envolvidos em instituições do estado. Entretanto, não podemos ignorar a dificuldade de efetivamente monitorar o cumprimento das normas, como relatado pelo entrevistado 02.

É importante lembrar alguns dos pontos importantes das normas de avistamento no Brasil, visando a proteção de cetáceos no país. De acordo com o decreto nº 78, de 5 de abril de 1991,

---

<sup>72</sup> Tradução livre da autora (2020), a partir do original em inglês.



alterado pela portaria nº 24 em 2002, e levando em consideração “o crescente desenvolvimento do turismo voltado para a observação de cetáceos em águas jurisdicionais brasileiras e a necessidade de seu ordenamento”:

Art. 2º - É vedado a embarcações que operem em águas jurisdicionais brasileiras:

a) aproximar-se de qualquer espécie de baleia (cetáceos da Ordem Mysticeti; cachalote *Physeter macrocephalus*, e orca *Orcinus orca*) com motor engrenado a menos de 100m (cem metros) de distância do animal mais próximo, devendo o motor ser obrigatoriamente mantido em neutro, quando se tratar de baleia jubarte *Megaptera novaeangliae*, e desligado ou mantido em neutro, para as demais espécies;

b) reengrenar ou religar o motor para afastar-se do grupo antes de avistar claramente a(s) baleia(s) na superfície a uma distância de, no mínimo, de 50m (cinquenta metros) da embarcação;

c) perseguir, com motor ligado, qualquer baleia por mais de 30 (trinta) minutos, ainda que respeitadas as distâncias supra estipuladas;

d) interromper o curso de deslocamento de cetáceo(s) de qualquer espécie ou tentar alterar ou dirigir esse curso;

e) penetrar intencionalmente em grupos de cetáceos de qualquer espécie, dividindo-o ou dispersando-o;

f) produzir ruídos excessivos, tais como música, percussão de qualquer tipo, ou outros, além daqueles gerados pela operação normal da embarcação, a menos de 300m (trezentos metros) de qualquer cetáceo;

g) despejar qualquer tipo de detrito, substância ou material a menos de 500m (quinhentos metros) de qualquer cetáceo, observadas as demais proibições de despejos de poluentes previstas em Lei;

h) aproximar-se de indivíduo ou grupo de baleias que já esteja submetido à aproximação de, no mesmo momento, de pelo menos, duas outras embarcações.

No geral, a contaminação marinha por dejetos químicos e físicos, delatados por Caldas (2003) em sua exposição das maiores ameaças às baleias jubartes no Brasil, sejam esses diretamente depositados no mar ou carregados pela precipitação pluvial, podem ter consequências biológicas irreversíveis aos cetáceos. Uma destas é diretamente relacionada com o comprometimento das funções reprodutivas da baleia jubarte, pois, de acordo com Caldas (2003), a espécie armazena energia em camadas de gordura e, da mesma forma, tende a acumular grandes quantidades de produtos químicos, o que pode até mesmo levar ao contágio de filhotes pelo leite da mãe.

Os impactos acerca do crescente tráfego de embarcações podem ser comportamentais, fisiológicos ou acústicos (SILVANO, 2017), entre esses podemos citar: interrupção do descanso, interferências na alimentação, na interação intraespécie (ENGEL, 2004), na

capacidade de mobilidade (o que pode eventualmente levar à morte), resultando em dificuldades de reprodução (CALDAS, 2003; SOUSA-LIMA E CLARK, 2008).

Quanto ao estresse, pode ser averiguado, de acordo com o Guia de Observação de Baleias na Bahia (2019), por meio de comportamentos (bater a nadadeira, mergulhos mais demorados, emissão de bolhas e ruídos) cujos gastos energéticos são maiores, podendo causar um desgaste maior nos animais. Dentre as consequências dessas ameaças antrópicas nos comportamentos das baleias jubartes, encontramos publicações explorando estas, como Simões, Macedo e Engel (2005), que observaram um aumento no tempo de mergulho dos animais quando as embarcações estavam por perto, podendo ou não haver uma diferença comportamental relacionada à presença de diferentes tipos de navegações.

Eventualmente, a junção das consequências discutidas pelos autores e tratadas acima, pode levar ao abandono de certas áreas pelas espécies em resposta aos fatores estressantes. Sobre as consequências dos sons antropogênicos gerados no mar às baleias jubartes, iremos detalhar abaixo, conforme a descrição do aspecto mais afetado: a capacidade de comunicação dos machos por meio da canção.

## **4.2 A CANÇÃO DA JUBARTE E A POLUIÇÃO SONORA**

De todos os impactos estudados, aqueles que incidem sobre a vocalização dos machos da espécie das baleias jubartes, que fazem parte da comunicação desses animais não humanos são, de acordo com Parsons (2012), os mais importantes de serem qualificados e quantificados. A jubarte é chamada de “baleia cantora”, tanto em contextos científicos quanto nas comunicações informais, exploradas no capítulo 2, por atrair a atenção de pesquisadores e por serem difíceis de se estudar, daí o conseqüente mistério que ainda cerca o assunto. Essas vocalizações são consideradas como um dos casos mais evidentes e impressionantes de transmissão de cultura dentre animais não-humanos, com alterações ocorrendo ao longo do tempo, ainda não totalmente compreendidas pelos cientistas (MERCADO, 2021).

As canções podem durar de 5 a 30 minutos,<sup>73</sup> e fascinam não somente o público em geral, mas também os profissionais envolvidos com esses cetáceos, conforme notamos pela fala da bióloga

---

<sup>73</sup> De acordo com dados do site oficial do PAJ, há relatos de uma baleia jubarte cantando por 22 horas. Disponível em <<https://www.queroverbaleia.com/single-post/o-canto-das-baleias-jubarte>>. Acesso em 17 de abril de 2021.

Isabela Oliveira no curso ministrado pelo IBJ em 30 de novembro de 2020: “talvez algum dia nós vamos realmente entender o que elas estão falando”. Em outra palestra do mesmo curso, ministrada no dia 03 de dezembro de 2020, Sérgio Cipolotti relatou um “dueto” feito por uma cantora com as canções das baleias sendo tocadas ao fundo em um festival.<sup>74</sup> Essa situação demonstra literalmente como os humanos e mais-que-humanos podem compor uns com os outros. Os processos de “*becoming-with*” e “*making-with*” de Haraway (2016), em que ambos os agentes envolvidos nas histórias se transformam e compõem em conjunto, podem ser considerados para se pensar na canção das baleias e em como os seus pesquisadores reagem a essas.

É possível encontrar outras identificações subjetivas entre os humanos que puderam experienciar as vocalizações da cantora marinha de perto, como detalha Júlio Cardoso, fundador do Projeto Baleia Vista em São Paulo, ao ouvir o “grito da baleia”, ao perceber a passagem de uma jubarte perto da embarcação em que estava. A entrevistada 03 também mencionou que o seu primeiro contato com as baleias jubartes foi na Austrália, auxiliando outra pessoa em sua dissertação e sua função era ouvir as diversas horas de gravação em busca do canto das baleias e, apesar de atualmente esta não ser a área de trabalho da pesquisadora, o apreço pela espécie continuou em seu trabalho no PBJ. Há mesmo um álbum, lançado em 1970, apenas com gravações de músicas das baleias jubartes feito por Roger Payne, especializado em bioacústica, presidente e fundador da Ocean Alliance, em uma tentativa de que as pessoas tivessem a mesma experiência que ele teve e que transformou sua vida.<sup>75</sup> Também estão disponíveis para *download* os sons das baleias jubartes, assim como outros mamíferos marinhos, no site *National Oceanic and Atmospheric Administration*.<sup>76</sup> As incertezas e os mistérios que cercam a funcionalidade e as alterações das canções das baleias jubartes afetam alguns dos seus ouvintes, seja diretamente em contato com elas no mar ou por meio das gravações dos cientistas disponíveis *online*, podendo gerar alguma reação subjetiva e intensa, como foi a de Roger Payne. Somando a isso, por se tratar de uma função supostamente essencial para o bem estar e a saúde das jubartes, torna-se necessário para os profissionais

---

<sup>74</sup> É possível assistir o dueto da cantora Michaela Harrison com as baleias jubartes no canal do PBJ no Youtube, no vídeo “Festa da Baleia Jubarte - Melhores Momentos 2019”. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2s3UVdURYEM>>. Acesso em 21 de maio de 2021.

<sup>75</sup> Disponível em <<https://whale.org/humpback-song/>>. Acesso em 17 de abril de 2021.

<sup>76</sup> Disponível em <<https://www.fisheries.noaa.gov/national/science-data/sounds-ocean/#humpback-whale>>. Acesso em 17 de abril de 2021.

envolvidos com a conservação da espécie que as ações antrópicas que possam atrapalhar os cantos das jubartes sejam identificadas para que se possa lidar com elas.

A discussão sobre o impacto do aumento do tráfego de embarcações atravessa as vocalizações das baleias jubartes pois a poluição sonora pode atrapalhar a comunicação intraespecífica, consequentemente atrapalhando a capacidade reprodutiva da espécie, já que uma das funções creditadas às canções é de *display* sexual (MERCADO, 2021). Alguns dos sons considerados poluição sonora marinha por Risch, Corkeron, Ellison e Parjis (2012) são: as armas de pressão, os levantamentos sísmicos, as explosões submersas, a construção de bate-estacas, os dispositivos de dissuasão acústica, os sistemas sonares militares e científicos. Os autores focam principalmente nos sons de baixa frequência, estes aparentam interferir mais na canção das baleias jubartes, compostas por notas formando frases repetidas, surgindo os temas. Diferentes temas formam uma canção (ROSSI-SANTOS, 2015).

Sousa-Lima e Clark (2008) mostram que o aumento no número das embarcações e consequentemente do som no ambiente marinho afeta negativamente o canto das baleias jubartes, podendo resultar em um deslocamento da espécie para fora do alcance das outras baleias ou no fato delas pararem de cantar; por vezes, há uma combinação das duas reações. De acordo com os autores, não é possível ignorar a comunicação acústica entre baleias jubartes e os fatores que podem ameaçá-la, pela comunicação representar sua principal modalidade sensorial que permite a interação social. Caso a perturbação seja prolongada e insistente o suficiente, é possível que as baleias jubartes saiam da área, procurando um espaço com menos barulho, ou seja, o uso daquele habitat é comprometido.

Ademais da interferência na interação comunicativa e do abandono temporário ou permanente, podemos citar outros principais impactos percebidos nos animais: estresse, interferência nas relações predatórias (ROSSI-SANTOS, 2015), perda de audição temporária ou permanente, mudanças em padrões alimentares, alteração da relação mãe-filhote, dificuldade no acasalamento, mudança no padrão de mergulho, natação e respiração.<sup>77</sup> Assim sendo, o que é possível fazer para mitigar os efeitos citados?

---

<sup>77</sup> Natália Vagmaker, do PAJ, escreve para o site Quero Ver Baleia (s/d.). Disponível em <<https://www.queroverbaleia.com/single-post/ruidos-oceanicos>>. Acesso em: 07 de junho de 2021.

### 4.3 ESTRATÉGIAS PARA DIMINUIR OS IMPACTOS NEGATIVOS

Segundo a literatura sobre as baleias jubartes, a determinação de estratégias depende diretamente da pesquisa científica, isso porque cada local é visto como precisando de normas feitas para seu contexto específico, conforme Vagmaker [s.d] para o site oficial do PAJ.<sup>78</sup> Entretanto como não há publicações suficientes para chegar a uma conclusão específica apenas para o Brasil, além das normas de avistamento citadas anteriormente, tratamos aqui sobre as recomendações gerais para diminuir os efeitos deletérios nas baleias jubartes presentes na costa brasileira em função do crescente tráfego de embarcações, concomitante ao aumento no número de indivíduos da espécie.<sup>79</sup>

Há um documento, realizado por Cates et al, (2017) em conjunto com a Comissão Internacional de Baleias, para auxiliar na diminuição de colisões de baleias com embarcações, com um banco de dados criado desde 2016, com 1200 colisões relatadas mundialmente. De acordo com os autores, é um trabalho que requer apoio de diversos órgãos e atores diferentes, trabalhando juntos para aumentar a conscientização pública e de empresas privadas. A capacitação de navegadores e tripulantes para reconhecer a presença de cetáceos na superfície da água também foi citada por Zappes (2013).

São medidas preventivas estudadas pelos profissionais, recomendadas pelos especialistas aos órgãos especializados no monitoramento e na fiscalização das embarcações: a inclusão da distribuição das espécies e da temporada de ocupação no banco de dados da náutica brasileira para alertar os navios (MARTINS et al., 2013); o isolamento acústico dos motores de barcos, a delimitação máxima no número e na velocidade de embarcações em áreas utilizadas pelas baleias jubartes (SOUSA-LIMA e CLARK, 2008). Vagmaker escreve para o site do PAJ outras sugestões para serem adotadas pelos tripulantes e navegadores das embarcações: evitar mudanças bruscas na direção do barco; não atravessar no meio de um grupo de cetáceos; interromper a pesquisa sísmica e uso de sonares no caso de avistamento de cetáceos.<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> O site oficial do PAJ é o quero ver baleias. Disponível em <<https://www.queroverbaleia.com>>. Acesso em: 23 de junho de 2021.

<sup>79</sup> Como mencionado no capítulo 1, as normas e leis devem ser constantemente revisadas conforme novas informações pertinentes forem divulgadas.

<sup>80</sup> As pesquisas sísmicas são feitas para exploração de petróleo, perfuração, dragagem, explosões, sonares de exercícios militares, pesca e tráfego de embarcações comerciais e turísticas (VAGMAKER, Natália. Quero Ver Baleia, s/d.). Disponível em <<https://www.queroverbaleia.com/single-post/ruidos-oceanicos>>. Acesso em: 07 de junho de 2021.

O estudo realizado sobre uma mãe e um filhote de baleias jubartes no Arquipélago de Abrolhos, na Bahia, realizou uma investigação sobre a necessidade de mudança na legislação brasileira sobre esse grupo específico. Morete, Bisi e Rosso (2007) sugeriram a criação de uma distância de pelo menos 300 metros para essa situação de mãe com filhote, tendo em vista a reação dos animais às embarcações.

É importante ressaltar que há uma legislação em vigor acerca do molestamento de cetáceos no Brasil, como citado na introdução. Entretanto, o foco da Lei nº 7643 não necessariamente alcançou grandes embarcações, tendo em vista a dificuldade destas de perceber a presença das baleias jubartes em comparação com embarcações menores, ou de mudar a direção da embarcação para evitar a colisão. Ademais, como já tratamos anteriormente, a fiscalização e a aplicação de punições não são simples de serem feitas na prática. Portanto, segundo a produção tecnocientífica analisada há uma necessidade de estudos específicos locais, como realiza atualmente o PAJ no Espírito Santo, para descobrir os impactos das diferentes embarcações que compõem o intenso tráfego nacional em áreas costeiras também habitadas por baleias jubartes.

Com intuito de colaborar para a criação de estratégias para mitigar o impacto da presença de embarcações de turismo, Fernandes e Rossi-Santos (2018) e Wearing e Neil (1999) discutem uma estrutura integrada que argumentam deve ser utilizada para avaliar o turismo como verdadeiramente sustentável, de modo a beneficiar tanto a economia como o ambiente. Trata-se do conceito de “*carrying capacity*” ou capacidade de manejo, que se caracterizaria por uma relação positiva entre o número de turistas e o impacto do turismo em determinado destino. Não há nenhum método definitivo para chegar a números concretos, mas quatro âmbitos devem ser levados em conta, segundo os autores: a capacidade social (conscientização e interesse dos turistas); a capacidade econômica (status e números das operações, suas características e impactos na economia); a gestão da *carrying capacity* (legislações, licenciamentos, reforços, infraestruturas e monitoramento); a capacidade biológica (impactos negativos à população da espécie, mortalidade, taxas de distribuição e reprodução). Procurei ver se este conceito aparece como relevante para os agentes humanos que se relacionam com as baleias jubartes que estou estudando por meio dos três pilares (social, biológico e econômico) que Fernandes e Rossi-Santos (2018) e Wearing e Neil (1999) afirmaram que deve basear a capacidade de manejo. Os autores esperam que, com auxílio desse conceito, os órgãos governamentais responsáveis conseguiriam definir, por meio de cálculos e estudos, essa capacidade máxima de turistas e

embarcações circulando, reformulando este número constantemente conforme novas informações forem coletadas, mudanças no meio ambiente e nas operações são realizadas.

Entretanto, há diversos autores que acreditam que este seja um conceito ultrapassado para pensar na relação de degradação e utilização do ambiente e seus recursos. Arrow et al. (1995) discordam da eficácia do conceito principalmente porque a natureza não é fixa ou estática, sendo composta de relações complexas e cujas dinâmicas e indicadores de mudanças são de difícil percepção e entendimento. De forma similar, Lindberg, McCool e Stankey (1996) consideram o conceito de *carrying capacity* inadequado para pensar o manejo de um turismo sustentável e, conseqüentemente, como adequadamente lidar com as conseqüências negativas das embarcações, como no caso do turismo de avistamento de baleias. Os autores acreditam que a capacidade de carga depende de considerações subjetivas e indefinidas, como “mínimo dano possível” e “satisfação dos visitantes”, ambos abertos à interpretação.

Independentemente da aplicabilidade de conceitos como a capacidade de carga ou outros conceitos que possam surgir na literatura do ecoturismo, o apoio da ciência e dos cientistas é vista como essencial para a formulação e a disseminação de informações importantes que colaborem para o trabalho de conservação das baleias jubartes e o desenvolvimento do turismo de avistamento no Brasil. Acredita-se que somente por meio das pesquisas e dos estudos realizados pelos cientistas é possível delinear quais são as melhores formas de controlar os impactos negativos do constante tráfego de embarcações nas rotas de baleias jubartes pelo país.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Espírito Santo, foi demonstrado uma interdependência entre os projetos de conservação das baleias jubartes e o turismo de avistamento de baleias. A atividade, que possui uma proposta sustentável, envolve uma troca de informações entre as agências turísticas e o PBJ e PAJ de maneira a colaborar com a pesquisa, cujas operações foram trabalhadas ao longo da dissertação. Descrevemos também os possíveis impactos que o tráfego de embarcações (turísticas ou não) em áreas metropolitanas pode causar nas baleias jubartes, são esses: comportamentais, fisiológicos ou acústicos. Relembramos que os mais comuns são: riscos à saúde física causada pela poluição sonora e química, emaranhamento em redes de pesca, colisões com embarcações podendo resultar em morte ou encalhe. E tendo em vista as complicações causadas pela presença de alguns parceiros indesejados no mesmo ambiente que as baleias jubartes, tratamos de algumas das estratégias pensadas pelos profissionais, que identificamos como ligados ao naturalismo, para mitigar os efeitos negativos a curto e longo prazo dessa coabitação perturbada, nos termos que Tsing (2010). Estratégias essas que são fortemente consideradas dependentes de uma preparação adequada por parte da tripulação das embarcações e rotas especialmente designadas para diminuir áreas de risco para a passagem das baleias jubartes no Brasil.

Não foram exauridos os estudos que podem ser realizados para definir os verdadeiros danos e quais as melhores maneiras de evitá-los, mas parece ter uma lógica definida: quanto maior o interesse na conservação da espécie, maior a quantidade de recursos mobilizados para realizar as pesquisas necessárias; é preciso levar em consideração as dificuldades de estudar um animal marinho tão grande como as baleias e o alto custo dos equipamentos (como os drones). Portanto, tanto a produção de estudos e informações depende da (mas também colabora com a) divulgação da importância das baleias jubartes e a adesão do público à conservação.

O intuito deste estudo foi de compreender as dinâmicas das relações materiais-e-simbólicas dos profissionais envolvidos com as baleias jubartes no ES, nos seus esforços de conservação da espécie por meio da produção de informações e ações relevantes, assumindo uma postura simpática a esses engajamentos. Apesar de encontrarmos estudos com o foco no aspecto biológico da passagem das baleias jubartes e do turismo de avistamento no Brasil, procurei abordar o assunto por uma perspectiva antropológica, levando em consideração os diversos



agentes humanos envolvidos e as complexidades das suas relações *com* os animais e *a partir* deles. Procurei sistematizar as informações de diferentes plataformas por meio dos apêndices e quadros, de maneira a contemplar tanto os textos encontrados quanto as falas de cunho emotivo anotadas ao longo da escrita da dissertação.

Devido à recuperação populacional das baleias jubartes somada ao trabalho feito pelo PAJ e PBJ no ES, o estado tem demonstrado um potencial considerável: possui alta taxa de avistamentos, um crescente interesse dos turistas locais e externos e uma movimentação econômica significativa. Apesar dos possíveis riscos à saúde dos animais, é possível afirmar que os profissionais envolvidos com a conservação da espécie conseguiram construir uma base sólida para superar o histórico nacional violento que quase levou as baleias jubartes e outras espécies à extinção. Por meio dos relatos dos meus interlocutores, respondentes ou entrevistados, foi possível narrar como o turismo de observação ocorre no ES e compreender as perspectivas dos atores humanos por meio de seus relatos pessoais e profissionais.

Diante das inúmeras evidências que encontrei durante esse estudo - em entrevistas, questionários, transmissões ao vivo, cursos, palestras e publicações científicas - foi possível identificar os aspectos subjetivos e afetivos resultantes dos encontros diretos ou indiretos que transbordam *de e para* ou *para e de* o âmbito profissional. No caso dos meus interlocutores humanos, os esforços de conservação das baleias jubartes por vezes vem acompanhados de uma carga emocional que propulsiona as ações. Escrevi partindo do pressuposto dos agentes não-humanos como partes ativas (ou seja, capazes de afetarem e serem afetadas) nessa interação com os seus parceiros humanos. Ao considerá-los agentes (DESPRET, 2013), temos em mente a ideia de que as ações das baleias jubartes são parte essencial da complexa relação com os profissionais e, portanto, são interlocutores tão imprescindíveis à pesquisa quanto os agentes humanos.

Encontramos essas subjetividades expressas de diversas formas, principalmente pelo canal de comunicação informal, como os apelidos dados pelos profissionais às baleias (re)avistadas ou as diferentes denominações que a espécie recebe como referências aos locais em que se encontra; pelas falas passionais em relatos de experiências ou eventos como nos encalhes; na maneira como a educação ambiental é utilizada como ferramenta para adesão à causa, principalmente de crianças e jovens. Podemos concluir, portanto, que as afetividades e as aproximações dos profissionais e das baleias jubartes acabam por se evidenciar em quase todas as operações que aqueles realizam, com exceção apenas das publicações científicas em que os

cientistas são excluídos da escrita em busca de uma objetividade (TORRES, 2016; SÁ, 2006). Assim sendo, vislumbra-se que as subjetividades andam de mãos dadas com os trabalhos de conservação das baleias jubartes, servindo como um impulsor para os pesquisadores.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA:

- ALVARENGA, L. C. A.; BARRETO, K. D. M. Turismo de observação de baleias: em busca de um elo perdido. *Revista Nordestina de Ecoturismo*, Aracaju, v.1, n.1, p.58, 2008.
- BORKFELT, Sune. What's in a Name?—Consequences of Naming Non-Human Animals. *Animals*, v. 1, n. 1, p. 116-125, 19 jan. 2011.
- BRASIL, Congresso Nacional. Lei Federal nº 7.643 de dezembro de 1987. Proíbe a pesca de cetáceo nas águas jurisdicionais brasileiras, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17643.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17643.htm)> Acesso em: outubro de 2020.
- BRUMATTI, P. *Análise das potencialidades do desenvolvimento sustentável do turismo de observação de baleias, whale watching na costa da Bahia, Brasil*. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Cultura & Turismo, Universidade Federal de Santa Cruz, Ilhéus, 2008.
- CALDAS, C. *As ameaças às baleias jubarte e ações visando sua conservação*. 39 f. Monografia (Especialização) - Curso de Biologia, Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2003.
- CASTRO, Franciele R. de *et al.* Are marine protected areas and priority areas for conservation representative of humpback whale breeding habitats in the western South Atlantic? *Biological Conservation*, v. 179, p. 106-114, nov. 2014.
- CATÃO, B., BARBOSA, G. Botos bons, peixes e pescadores: sobre a pesca conjunta em Laguna (Santa Catarina, Brasil). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 69, p. 205-225, abr. 2018.
- CATES, K. *et al.* *Strategic Plan to Mitigate the Impacts of Ship Strikes on Cetacean Populations: 2017-2020*. Iwc Strategic Plan To Mitigate Ship Strikes, 2017.
- CISNEROS-MONTEMAYOR, A. M. *et al.* *The global potential for whale watching*. *Marine Policy*, v. 34, n. 6, p.1273-1278, nov. 2010.
- DAVIC, R. D. *Linking Keystone Species and Functional Groups: a new operational definition of the keystone species concept: A New Operational Definition of the Keystone Species Concept*. *Ecology And Society*, Estados Unidos, v. 7, n. 11, jun. 2003, 11p.
- DESCOLA, P. Beyond nature and culture: forms of attachment. *Journal of Ethnographic Theory*, v. 2, n.1, p. 447-471, 2012.
- DESCOLA, P. Modes of being and forms of predication. *Journal of Ethnographic Theory*, v.4, n.1, p. 271-280, jun. 2014.

- DESPRET, V. From secret agents to interagency. *History And Theory*, Wesleyan University, n. 52, p. 29-44, dez. 2013.
- DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Trad. Susana Oliveira Dias. *ClimaCom*, Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, Dez. 2016.
- EDMUNDSON, W., HART I. *A história da caça das baleias no Brasil: de peixe real a iguaria japonesa*. Disal, 2014, 312p.
- ENGEL, Marcia H. *et al.* Are seismic surveys responsible for cetacean strandings?: an unusual mortality of adult humpback whales in abrolhos bank, northeastern coast of brazil. *Research Gate*, jan. 2004.
- ENGEL, M.; FERNANDES, L.; CIPOLOTTI, S.; PALAZZO JR., J. T. *Guia de Observação de Baleias*. Projeto Baleia Jubarte. 1ª ed. Bambu Editora e Artes Gráficas Ltda. 2019.
- ENGEL, M.; FERNANDES, L.; CIPOLOTTI, S. *Observação de Baleias na Bahia. Projeto Baleia Jubarte*. 1ª ed. Bambu Editora e Artes Gráficas Ltda. 2016.
- FAUSTO, Juliana. Brincar, matar, comer: sobre moralidade e direitos animais. *Revista Direito e Práxis*, [s.l.], v. 9, n. 4, pp. 2422-2438, out. 2018.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, v. 13, n. , pp. 155-161, 2005. Tradução de: Paula Siqueira.
- FERNANDES, L; ROSSI-SANTOS, M. R. *An Integrated Framework to Assess the Carrying Capacity of Humpback Whale-Watching Tourism in Praia do Forte, Northeastern Brazil*. *Advances In Marine Vertebrate Research In Latin America*, pp. 41-73, 11 ago. 2017. Springer International Publishing.
- GUIMARÃES, Vanessa F.; MASSARANI, Luisa; VELLOSO, Rafael; AMORIM, Denyse. *Diálogos sobre a exposição Oceanos: um estudo com famílias no museu da vida*. *Interfaces Científicas: Humanas e Sociais, Brasil*, v. 3, n. 7, pp. 103-114, fev. 2019.
- ICMBIO. *Informações gerais sobre espécies sob maior ameaça antrópica e que requerem ações de conservação: Baleia-jubarte*. In: ICMBIO. Plano de ação nacional para conservação dos mamíferos aquáticos: grandes cetáceos e pinípedes. Brasil: ICMBio, 2011. pp. 27-19.
- HARAWAY, Donna J. *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durkam e Londres: Duke University Press, 2016. 313p.
- HELMREICH, Stefan. *Alien Ocean: anthropological voyages in microbial seas*. Berkley: University of California Press, 2009.
- HIGHAM, J. E. S.; LUSSEAU, D. Urgent Need for Empirical Research into Whaling and Whale Watching. *Conservation Biology*, [s.l.], v. 21, n. 2, pp.554-558, abr. 2007. Wiley.

- JENSEN, Aleria S.; SILBER, Gregory K.. *Large Whale Ship Strike Database*. Maryland: National Oceanic And Atmospheric Administration, 2001. 39 p.
- KALLAND, Arne. *Unveiling the whale: Discourses on whale and whaling*. Nova York: Berghan Books, 2009. 253p.
- KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, v. 25, n. 4, pp. 545-576, 2010.
- KÖRÖSSY, N. *Do “turismo predatório” ao “turismo sustentável: uma revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística*. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 56-68, 2008.
- KRIPPENDORF, J. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. 3. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2006. 184 p.
- LUSSEAU, D.; HIGHAM, J. E. S. *Urgent Need for Empirical Research into Whaling and Whale Watching*. *Conservation Biology*, v. 21, n. 2, pp. 554-558, 2007.
- MARTINS, C.C.A. *et al.* Identifying priority areas for humpback whale conservation at Eastern Brazilian Coast. *Ocean & Coastal Management*, v. 75, p. 63-71, abr. 2013.
- MERCADO, Eduardo. Song Morphing by Humpback Whales: cultural or epiphenomenal?. *Frontiers In Psychology*, V. 11, p. 1-14, 15 jan. 2021. Frontiers Media SA.
- MORETE, Maria E.; BISI, Tatiana L.; ROSSO, Sergio. *Mother and calf humpback whale responses to vessels around the Abrolhos Archipelago, Bahia, Brazil*. *Journal of Cetacean Research and Management*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, pp. 241-248, jan. 2007.
- ORAMS, Mark B. *Tourists getting close to whales, is it what whale-watching is all about?* *Tourism Management*. Nova Zelândia, pp. 561-569. jun. 1999. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(00\)00006-6](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(00)00006-6)>. Acesso em: 02 jun. 1999.
- PALAZZO, Miriam; PALAZZO JUNIOR, José Truda. *S.O.S Baleias: a história do maior movimento de defesa ambiental de todos os tempos*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2011. 126 p.
- PALAZZO, José Truda. *Whose Whales?* Developing countries and the right to use whales by non-lethal means. *Journal Of International Wildlife Law & Policy*, , v. 2, n. 1, p. 69-78, jan. 1999. Informa UK Limited.
- PARSONS, E. C. M. *The Negative Impacts of Whale-Watching*. *Journal of Marine Biology*. Inglaterra, pp. 1-9, may 2012.
- PINHEIRO, G. C.. *A regulamentação da caça no Brasil*. *Revista de Direito Público da Procuradoria-Geral do Município de Londrina*, v. 3, n. 2, p. 95-116, 2014.

PORTELA, K. *Comparação do Padrão de Pigmentação da Nadadeira Caudal de Baleias-Jubarte (Megaptera novaeangliae; Borowski, 1871) do Estoque Reprodutivo “A” Com Outras Sete Áreas Reprodutivas*. 46 f. Monografia (Especialização) - Curso de Biologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

ROSENBAUM, C. et al. Population Structure of Humpback Whales from Their Breeding Grounds in the South Atlantic and Indian Oceans. *Plos One*, v. 4, n. 10, p. 1-11, 8 out. 2009.

ROSSI-SANTOS, Marcos R.. Oil Industry and Noise Pollution in the Humpback Whale (Megaptera novaeangliae) Soundscape Ecology of the Southwestern Atlantic Breeding Ground. *Journal Of Coastal Research*, v. 31, n. 1, p. 184-195. Coastal Education and Research Foundation. 2015.

RUSCHAMNN, D. A experiência do turismo ecológico no Brasil: um novo nicho de mercado ou um esforço para atingir a sustentabilidade. *Turismo - Visão e Ação*, n. 5, pp. 81-90, 2000.

SÁ, G. *No mesmo galho: ciência, natureza e cultura nas relações entre primatólogos e primatas*. 250 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, L. Ecoturismo e governamentalidade no Açores. In: SILVA, Luis. *Património, ruralidade e turismo: etnografias de Portugal continental e dos açores*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2014. p. 91-118.

SILVA, E. SILVEIRA, F. MARQUES, O. MORENO, I. “A gente acostuma os olhos”: pescadores artesanais de tarrafa e botos-de-lahille nas paisagens da barra do rio Tramandaí. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 56, p. 22-45, Universidade Federal do Parana. 26 mar. 2021.

SILVANO, Bruna Coelho Raupp. *Revisão sobre os efeitos da poluição sonora aos cetáceos: identificação de prioridades para trabalhos futuros no arquipélago de Santa Catarina*. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SIMÕES, Diana G.; MACEDO, Regina H. F.; ENGEL, Marcia H. *Turismo de Observação de Cetáceos como Ferramenta no Estudo do Comportamento de Baleias Jubarte (Megaptera novaeangliae)*. *Revista de Etologia, Brasil*, v. 7, n. 1, pp. 3-14, jan. 2005.

SOUSA-LIMA, Renata S.; CLARK, Christopher W. Modeling the effect of boat traffic on the fluctuation of humpback whale singing activity in the Abrolhos National Marine Park, Brazil. *Canadian Acoustics*, Nova York, v. 36, n. 1, pp.174-181, jan. 2008. Disponível em: < <http://tiny.cc/62ec9y> >. Acesso em: 06 jul. 2019.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

TORRES, Clara Crizio de Araujo. *Entre fatos científicos e estados de risco: a produção dos fatos científicos*. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

TSING, Anna. Arts of Inclusion, or How to Love a Mushroom. *Wild Hearts: Literature, Ecology, and Inclusion*, Havaí, v. 22, n. 02, pp. 191-203, 2010.

TAKEUCHI, Sophia. *Análise sobre as baleias jubartes na costa brasileira: as consequências da ação antrópica na saúde do animal e do ecossistema*. 2018. 45 f. Monografia – Graduação em Ciências Sociais, Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

VAGMAKER, N. Ruídos Oceânicos. Quero Ver Baleia. Disponível em <<https://www.queroverbaleia.com/single-post/ruídos-oceanicos>>. Acesso em 17 de abril de 2021.

VAN WAEREBEEK, K. *et al.* Vessel collisions with small cetaceans worldwide and with large whales in the Southern Hemisphere, an initial assessment. *Latin American Journal Of Aquatic Mammals*,. Sociedad Latinoamericana de Especialistas en Mamíferos Acuáticos (SOLAMAC). v. 6, n. 1, p. 43-69, 30 jun. 2007.

VASCONCELOS, K.; SÜSSEKIND, F.. Transformações do boto na Amazônia: relações transversais entre campos de conhecimento. *Anuário Antropológico*, p. 24-43, 7 ago. 2020.

WEARING, S; NEIL, J. *Ecotourism: impacts, potentials and possibilities*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1999. 163 p.

ZAPPES, Camilah Antunes *et al.* Accidents between artisanal fisheries and cetaceans on the Brazilian coast and Central Amazon: proposals for integrated management. *Ocean & Coastal Management*, v. 85, p. 46-57, dez. 2013.

## 7. APÊNDICES

### APÊNDICE 1 - Quadro de textos lidos como fontes secundárias para a dissertação:

TÍTULO	AUTOR	ANO	PRINCIPAIS TÓPICOS	LOCAL	PUBLICAÇÃO	TIPO DE TEXTO
Diálogos sobre a exposição “Oceanos”: um estudo com famílias no Museu da Vida	Vanessa F. Guimarães, Luisa Massarani, Rafael Velloso, Denyse Amorim	2019	Educação ambiental + Emoções	Brasil	Revista “Interfaces Científicas - Humanas e Sociais”	Artigo
Sensibilizando estudantes do ensino fundamental sobre a conservação das praias utilizando atividades microbiológicas	Júlia A. Casagrande, Luma F. França, Jorge L. Fortuna	2019	Educação ambiental	Brasil	Brazilian Journal of Development	Artigo
Guia de Observação de Baleias	Márcia Engel, Luena Fernandes, Sergio Cipolotti, José Truda Palazzo Jr.	2019	Turismo de avistamento de baleias	Brasil	Site do PBJ	Cartilha informativa



An Integrated Framework to Assess the Carrying Capacity of Humpback Whale-Watching Tourism in Praia do Forte, Northeastern Brazil	Fernandes, L. e Rossi-Santos, M.	2018	Turismo de avistamento de baleias	Brasil	Cap. 3 do Livro	Capítulo de livro
Natureza incomum: histórias do antropo-cego	La Cadena, M.	2018	Humanos e não-humanos + noções de território	Brasil	Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB)	Artigo de revista
Observação de Baleias na Bahia	Engel, M., Fernandes, L., Cicolotti, S.	2016	Turismo de avistamento de baleias	Brasil	Site do PBJ	Cartilha Informativa
What's in a Name? - Consequences of Naming Non-Human Animals	Borkfelt, S.	2011	Nomeação + não-humanos	Dinamarca	Animals	Artigo
S.O.S Baleias: a história do maior movimento de defesa ambiental	Palazzo, M., Palazzo Jr, J.	2011	Proibição da caça de baleias	Brasil	Armazém Digital	Livro

de todos os tempos						
The global potential for whale watching	A.M. Cisneros-Montemayor a,n, U.R. Sumaila a, K. Kaschner b, D. Pauly a	2010	Turismo de avistamento de baleias	Reino Unido	Elsevier Ltd	Artigo
Whale sound recording technology as a tool for assessing the effects of boat noise in a Brazilian marine park	Sousa-lima R., Clark, C.	2009	O canto das baleias e o tráfico de embarcações	Brasil	Technology Innovation	Artigo
Turismo de observação: em busca de um elo perdido	Alvarenga, L., Barreto, L.	2008	Turismo de observação de baleia	Brasil	Revista nordestina de ecoturismo	Artigo
Mother and calf humpback whale responses to vessels around the Abrolhos Archipelago, Bahia, Brazil	Morete, M., Bisi, T., Rosso, S.	2008	Ações antrópicas + consequências em baleias	Brasil	J. Cetacean Res. Manage	Artigo

Modeling the effect of boat traffic on the fluctuation of humpback whale singing activity in the Abrolhos National Marine Park, Brazil	Sousa-Lima, Renata e Clark, Christopher	2008	Ações antrópicas + consequências em baleias	Brasil	Canadian acoustics	Artigo
Urgent Need for Empirical Research into Whaling and Whale Watching	Higham, J. E. S, Lusseau D.	2007	Produções acadêmicas + necessidade acadêmica	Nova Zelândia	Society for Conservation Biology	Artigo
Turismo de Observação de Cetáceos como Ferramenta no Estudo do Comportamento de Baleias Jubarte	Simões, D., Macedo, R., Engel, M.	2005	Turismo de observação de baleia	Brasil	Revista de etologia	Artigo
Tourists getting close to whales, is it what whale-watching is all about	Mark Orams	2000	Turismo de baleias e suas motivações pessoais dos turistas	Estados Unidos	Pergamon	Artigo
Whose Whales? Developing countries and the right to use whales by non-lethal means	Palazzo Jr. J.	1999	Conservação e uso de baleias	Brasil	Journal of International Wildlife Law & Policy	Artigo

Fonte: elaborada pela autora, 2020.

**APÊNDICE II - Formulário de perguntas para as agências de turismo:**

Data:

Respondido por:

Da agência:

Função na empresa:

Perguntas:

1. Há quanto tempo a agência começou a trabalhar com o turismo de avistamento?
2. Como funciona?
3. Há algum tipo de pesquisa ou controle sobre os participantes do passeio? (Idade/cidade/motivação)
4. Quais animais são vistos com mais frequência?
5. Houve algum crescimento no número de pessoas interessadas nessa atividade nos últimos anos?
6. Quais são as motivações mais observadas entre os turistas que procuram esse tipo de atividade?
7. Há algum tipo de monitoramento do cumprimento dos regulamentos do avistamento de baleias? Se sim, como é feito.
8. O que considera como o verdadeiro motivo pela popularidade das baleias jubartes e do avistamento? Qual o atrativo que estes animais possuem?
9. Há algum risco para os animais com essa forma de turismo ecológico?
10. Você já participou/costuma participar do passeio? Como foi sua experiência?
11. Há algum combinado entre o Amigos da Jubarte ou do Espaço Baleia Jubarte com a agência?
12. Há algum monitoramento sobre a satisfação dos turistas?



**APÊNDICE III** - Formulário de perguntas para profissionais envolvidos com as organizações e instituições voltadas para as baleias jubarte

Data:

1. Qual a sua trajetória profissional e pessoal de envolvimento com as baleias jubartes?
2. Acredita que seu trabalho com estes animais mudou alguma percepção prévia que tinha deles?
3. Para você, qual a importância que a espécie tem para o Espírito Santo?
4. Já participou diretamente com alguma atividade de turismo de avistamento? Se sim, como foi sua experiência?
5. Qual a maior dificuldade na conservação da espécie no Estado?
6. Qual a importância que o turismo tem para a espécie?
7. Há algum combinado entre o Amigos da Jubarte ou do Espaço Baleia Jubarte com a agência?

**APÊNDICE IV - Formulário de perguntas para pesquisadores ligados à academia:**

Data:

Respondido por:

1. Formação acadêmica e especialidades
2. Quais trabalhos já realizou em relação as baleias?
3. Qual foi sua motivação para trabalhar com baleias jubartes?
4. Qual é a maior dificuldade na pesquisa sobre essas espécies e outros animais de difícil acesso?
5. Qual a sua trajetória profissional e pessoal de envolvimento com as baleias jubartes?
6. Acredita que o turismo de avistamento de baleias jubartes tem mais impactos positivos ou negativos na espécie? E qual a importância que ele tem para a conservação da espécie?
7. Tem alguma leitura ou contato para indicar que acredita que possa colaborar com essa pesquisa?

## APÊNDICE V - Anotações do II Simpósio Latino Americano de Observação de Baleias

Realizada no SEBRAE - Vitória

DATA: 13/06/2019 – 15/06/2019

Abertura do Espaço Baleia Jubarte na Praça do Papa em fevereiro de 2019

Fala de Eduardo Camargo – presidente do IBJ:

Agregar valor econômico à baleia viva

1º momento: fala de autoridade e especialistas no assunto

Auxílio da PETROBRAS – rede BIOMAR

Fala de Felipe Ramaldes – diretor de turismo da Companhia de Vitória (empresa pública, poder público).

- Políticas públicas sobre turismo e ecoturismo que, se não trabalhados podem estar perdendo uma fonte de riqueza nacional
- Baleias podem ocupar o cargo-chefe do ecoturismo de Vitória
- Arranjo produtivo local: cooperação entre empresas
- Explorar outras cidades do litoral capixaba
- Regulamentação das embarcações
- Plano até 2025 de turismo em Vitória

Sérgio Cipolotti – coordenador de *whale watching* do IBJ

- “atrativos naturais”
- “baleias pertencem à realidade”: com parques
- Praia do Forte – 4000 observadores/ano
- Litoral da Bahia – 12000 observadores/ano
- 119 países -> bilhões de turistas
- Ser mitológico, imaginário – “pessoas se emocionam”
- Apelo ao emocional
- Integração com comunidades locais
- “Isso não tem preço” sobre participar do *whale watching*



- “Comprando um sonho”
- Cria uma identidade visual: turismo responsável (uso da caudal como SIGNO), inclusive presente como estátua nos parques (Bahia e Vitória)
- TURISMO -> plataforma de pesquisa
- O I Simpósio foi em 2017 em Praia do Forte
- Os benefícios perpassam as ameaças que este tipo de turismo de baleia causa (sendo o maior a poluição sonora)
- “Um dos momentos mais marcantes da minha vida” SONIC SEA NOW
- “Baleias conseguem ouvir tempestades a milhas de distâncias”
- Sendo assim, a proximidade dos barcos (mesmo com a regra de distância). É suficiente?

Fala de ONGS e operadores de turismo em Vitória:

Paulo Rodrigues – Instituto Eco Mares

- Sobreposição com rotas de atividades antrópicas
- 8200 visitantes em 4 meses
- Em 10 agências de comercialização - 2017: 620 observadores/ 2018: 900 observadores

Rafael Braga – Projeto Pegada, “Vida de Ilha”, diretor da Eco Mares

- “Apaixonar-se”
- Tem que conhecer para defender, se orgulhar
- Baleia como “porta de entrada” para o turismo no país
- Projeto pegada: foto da baleia feita de lixo recolhido pelas praias

Leonardo Merçon (Últimos Refúgios) + Sandro Firmino (Coordenador Executivo do Amigos da Jubarte)

- “As pessoas só protegem o que sabem que existe”
- A utilização da fotografia para educação e divulgação ambiental
- “Jujuba” apelido usado para se referir as jubartes

\*Há uma grande presença de projetos voltados às crianças como tentativa de criar uma sensibilização desde cedo

Thiago Ferrari – coordenador do Amigos da Jubarte (Quero ver baleia)

- “O 1º salto a gente nunca esquece”
- Como resolver a ameaça antrópica?
- “Nossa mascote jujuba”

Aves -> turismo de baleia

- Alguns desafios principais causados pela falta de empreendimento no Estado
- Acesso da população de menor poder aquisitivo (preocupação das empresas)
- “É um sonho”

Pamela – Blue Trip

- “Traz uma cura” – o passeio
- “Como que não chorar, gente?” – relato de uma pessoa que fez o passeio

14/06/2019:

Javier Rodriguez da Costa Rica – diretor e fundador da PROMAR (proposta de turismo marinho sustentável)

Faz parte do ICWW: International Committee of Whale Watching

- Equilíbrio entre ambientes <-> economia <-> comunidade
- Latino América: 95 comunidades (12 em Costa Rica – 105mil/ano turistas – 5,3milhões) pesqueiras beneficiadas
- Apenas 3% do território marinho é protegido. Meta: 12% (Até 2050) em Costa Rica
- Os mesmos sítios de atividade ficavam no Atlântico.

\*mostra um vídeo “vemos os pescadores que se emocionam ao ver um cachalote”

100% dos guias valorizam as áreas de proteção marinha para a observação de baleias -> Todos possuem plano de manejo

- Menção de colisões com barcos
- Planos de manejo: treinamento e capacitação de guias, normas e regras de conduta, etc.
- Melhora a qualidade de vida, por meio da geração de empregos, de muitos trabalhadores de comunidades costeiras -> ferramenta econômica/socioeconômica
- “por las ballenas ticas” Coallicion Costariguense

Ileana Gonzalez – República Dominicana

Médica veterinária -> representando uma empresa de turismo

- 1986: Santuário de baleias jubartes da Bacia da Plata
- 2007: 900 baleias
- O piloto e habitantes são obrigados a compartilhar todas as informações obtidas com o governo/pesquisadores?
- Diferentes regras de observação e de liberação de licenças em diferentes países
- Há um depósito de 5000 (dólares?) ao governo (ou ao instituto) por possível dano causado aos recursos naturais
- Samaná (maior baía do Caribe): 57 embarcações/ +300 funcionários/ 60.000 visitantes/ano
- “Esse é o capitão emocionado” (sobre foto de baleia que se aproxima do barco “Isso acontece com frequência porque elas são muito curiosas”)
- APP – Samaná Whale Watcher: os próprios turistas podem fazer a foto-identificação por meio do aplicativo
- “Gravam com a mesma emoção” todos os dias os capitães vão para o mar mas mesmo assim esta é a reação
- “Eu cresci com as baleias, esse ano foi a melhor temporada da minha vida”

Gustavo Fraga Timo:

- Fala sobre turismo de aventura
- “Impressionante ver a paixão e o envolvimento de todos” sobre as palestras assistidas
- O Brasil está fora dos papos de observação de baleias internacionalmente
- “A paixão que eu vi em vocês por baleias é o que eu sinto pelo turismo de aventura”
- O que leva pessoas a fazer esses turismos de aventura?
- Transformação -> expanded worldview -> aprendizado
- Natureza e conhecimento <-> conexão <-> experiência única
- Turismo de experiência

**APÊNDICE VI - Transmissões ao vivo relacionadas às baleias jubartes durante período de quarentena no Brasil**

TÍTULO DO VÍDEO/ ASSUNTO	Baleias Urbanas - Salvador/ Vitória/ Rio de Janeiro/ Nova York/ Ilha Bela	Contando Baleias - Monitorando a recuperação das baleias-jubarte no Atlântico Sul	Encalhe de mamíferos marinhos no Brasil: Ciência e Conservação em eventos extremos	Importância e os desafios do monitoramento em zonas portuárias: como será a observação de baleias em tempos de covid-19?	Urbanização da costa e os impactos marinhos	Bem viver e gestão costeira	Novos olhares para as Ciências do Mar
CANAL	PBJ	PBJ	PBJ	PBJ	PAJ	PAJ	Oceanografia Ambiental
PALESTRANTES	Enrico Maldovani, Paulo Rodrigues, Liliane Lodi, Julio Cardoso	Marcia Engel, Leonardo Wedekin, Milton Marcondes	Hernani Ramos, Larissa Pavanelli, José Lailson Brito Jr., João Carlos Gomes	Adriana Miranda, Sandro Firmino	Branco Eguchi, Beatriz Marins	Fernanda Terra, Miguel Accioly, Robson Dias, Beatrice Padovani	Coletivo Medusas, Movimento Olokun, Breno Henrique, Tainah Lunge, Bryan Renan Muller
DATA DE TRANSMISSÃO	17/06/2020	25/06/2020	02/07/2020	06/05/2020	16/07/2020	15/07/2020	17/07/2020
LINK	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=iz6wey6fQHM">https://www.youtube.com/watch?v=iz6wey6fQHM</a>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=iz6wey6fQHM">https://www.youtube.com/watch?v=iz6wey6fQHM</a>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=eqVUXFoCYQQ">https://www.youtube.com/watch?v=eqVUXFoCYQQ</a>	Assistido ao vivo no Instagram do ABJ	<a href="https://www.instagram.com/tv/CCt5WgXjCF9/">https://www.instagram.com/tv/CCt5WgXjCF9/</a>	<a href="#">Mesa Temática 5 - Bem viver e gestão costeira</a>	<a href="#">Mesa Temática 5 - Bem viver e gestão costeira</a>
DATA DE ACESSO	28 e 29 de julho de 2020	09 e 10/11/2020	15/11/2020	06/05/2020	06/08/2020	Acesso no dia da live	Acesso no dia da live

TÍTULO DO VÍDEO/ ASSUNTO	Lixo no mar e seus impactos: o que nós temos a ver com isso?	A Pandemia dos Oceanos: impactos de bactérias, fungos e vírus nos animais marinhos	Em Busca do Click Perfeito: Desafios e importância da fotografia /vídeo para conservação da fauna marinha	Jubartes e Francas: As baleias primas do oceano	O Horizonte Turístico no Espírito Santo: A observação de baleias em foco.	Jubarte.LIVE: Lar Mar e Projeto Amigos da Jubarte	Retorno responsável do Turismo de Observação de Baleias no ES em 2020	O Monitoramento de Ponto Fixo
CANAL	PAJ	PAJ	PAJ	PAJ	PAJ	PAJ	PAJ	PAJ
PALESTRANTES	Maria Eugênia Fernandes, Penha Carreta	Marcelo Renan, Mariana Albuquerque	João Paulo Krajewski, Leonardo Merçon	Amanda Di Giacomo, Karina Groch	Sandro Firmino, Dorval Uliana	Sandro Firmino, Felipe Arias	Teo Mageski, Thiago Ferrari	Lorena Oliveira, Mariana Leite, Mía Morete, Rafaela Souza
DATA DE TRANSMISSÃO	17/06/20	10/06/20	03/06/20	29/05/20	20/05/20	31/07/20	21/08/20	21/07/20
LINK	<a href="https://www.instagram.com/p/CBjHdQAj4pz/">https://www.instagram.com/p/CBjHdQAj4pz/</a>	<a href="https://www.instagram.com/p/CBRGUh5j07b/">https://www.instagram.com/p/CBRGUh5j07b/</a>	<a href="https://www.instagram.com/p/CA_EX3dDvT_/e">https://www.instagram.com/p/CA_EX3dDvT_/e</a> <a href="https://www.instagram.com/p/CA_J6GID0eD/">https://www.instagram.com/p/CA_J6GID0eD/</a>	<a href="https://www.instagram.com/p/CAtDaCoj1g/">https://www.instagram.com/p/CAtDaCoj1g/</a>	<a href="https://www.instagram.com/p/CAbCDN-jJf5/">https://www.instagram.com/p/CAbCDN-jJf5/</a>	<a href="https://www.youtube.com/watch?time_continue=6&amp;v=qFO8sus1RCk&amp;feature=emb_logo">https://www.youtube.com/watch?time_continue=6&amp;v=qFO8sus1RCk&amp;feature=emb_logo</a>	<a href="https://www.instagram.com/p/CEKm_KajLh7/">https://www.instagram.com/p/CEKm_KajLh7/</a>	<a href="https://www.instagram.com/p/CC9P3CIjsgI/e">https://www.instagram.com/p/CC9P3CIjsgI/e</a> <a href="https://www.instagram.com/p/CC9THVsDtRp/">https://www.instagram.com/p/CC9THVsDtRp/</a>
DATA DE ACESSO	17/11/20	10/08/20	02/09 e 06/11	10 e 12/08/20	12/08/20	17/11/20	19/11/20	19/11/20

**APÊNDICE VII** - As falas dos cientistas com teores afetivos sobre as baleias jubartes no II Simpósio Latino Americano de Turismo de Observação de Baleias Jubartes:

Falas	Profissional	Especialização/Cargo
<p>“Baleias pertencem à realidade”            “Isso não tem preço”            “Comprando um sonho”            “Um dos momentos mais marcantes da minha vida”</p>	Sérgio Cipolotti	<p>Biólogo, Mestre em Ecologia e Conservação da Biodiversidade            Coordenador de Campo/Equipe do IBJ</p>
<p>“Apaixonar-se”            “Tem que conhecer para defender, se orgulhar”</p>	Rafael Braga	<p>Fundador do Projeto Pegada            Diretor da Eco Mares</p>
<p>“Nossa mascote jujuba”            “O 1º salto a gente nunca esquece”</p>	Thiago Ferrari	<p>Ambientalista            Coordenador Executivo do Projeto Amigos da Jubarte            Presidente do Instituto O Canal</p>
<p>“As pessoas só protegem o que sabem que existe”</p>	Leonardo Merçon	<p>Diretor do Instituto Últimos Refúgios</p>

**Fonte:** elaborada pela autora, 2020.